

Concordo. Retorno a abertura do procedimento de classificação de imóvel imóvel  
22.11.2024

João Soalheiro  
Presidente  
Património Cultural, I.P.

Concordo com a proposta de abertura do procedimento de classificação do imóvel em causa.  
À consideração superior

CONCORDO. PROponho A ABERTURA DO PROCEDIMENTO DE CLASSIFICAÇÃO DA QUINTA DO VALE DA LOUSA NO CONCELHO DO SARDOAL. PAULO LEBRE DUARTE  
DIRETOR L. DBC  
21.11.2024

Paulo Lebre Duarte  
Diretor de Departamento dos Bens Culturais

INFORMAÇÃO N.º 1538/DPIMI/2022 DATA: 19.08.2022 CS: 1611526

PROCESSO N.º: 2021/14-17/11/CL/872 – CSP 227957

**ASSUNTO:** Proposta de abertura do procedimento de classificação da Quinta do Vale da Lousa, junto à EM532, na freguesia e concelho de Sardoaal, distrito de Santarém. Requerimento inicial do procedimento de classificação de bens imóveis. Parecer DGPC.

1. ENQUADRAMENTO LEGAL

Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro (estabelece as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural)<sup>1</sup>.

Decreto-Lei n.º 309/2009, de 23 de outubro (estabelece o procedimento de classificação dos bens imóveis de interesse cultural, bem como o regime jurídico das zonas de proteção e do plano de pormenor de salvaguarda), nomeadamente o artigo 43.º, que refere que a zona especial de proteção tem a extensão e impõe as restrições adequadas em função da proteção e valorização do bem imóvel classificado, e o artigo 54.º que determina, nomeadamente, o estabelecimento de restrições.

<sup>1</sup> Nomeadamente o disposto no artigo 17.º - Critérios genéricos de apreciação: a) O carácter matricial do bem; b) O génio do respectivo criador; c) O interesse do bem como testemunho simbólico ou religioso; d) O interesse do bem como testemunho notável de vivências ou factos históricos; e) O valor estético, técnico ou material intrínseco do bem; f) A concepção arquitectónica, urbanística e paisagística; g) A extensão do bem e o que nela se reflete do ponto de vista da memória colectiva; h) A importância do bem do ponto de vista da investigação histórica ou científica; i) As circunstâncias susceptíveis de acarretarem diminuição ou perda da perenidade ou da integridade do bem.

Pm

## 2. ANTECEDENTES

2.1. A 20 de outubro de 2021 deu entrada na DGPC o «pedido de classificação do sítio denominado Quinta do Vale da Louisa», junto à EM532, na freguesia e concelho de Sardoal, distrito de Santarém, acompanhado do «Requerimento Inicial do Procedimento de Classificação de Bens Imóveis», sendo o proponente Carlos Rosa Lopes de Sousa. O Requerimento apresentado vinha acompanhado por diversos anexos (Memória Descritiva em papel, carta, uma *pen* com diversos ficheiros em formato digital).



Fig. 1. Quinta do Vale da Louisa. Proposta de área a classificar, Carlos Lopes de Sousa, *Quinta do Valle da Louisa*, *Memória Descritiva*, 5.0 Contexto Geográfico e Geológico, Área a Classificar, pág. 10.

2.2. Em 22.10.2021, despacho da Dra. Teresa Albino, Chefe da Divisão do Património Imóvel, Móvel e Imaterial, ao signatário para estudar e propor.

2.3. Em 9.11.2021, *email* enviado ao proponente a solicitar informação relativa aos atuais proprietários, bem como a disponibilização de contactos junto da autarquia, de forma a permitir organizar uma visita conjunta ao local.

2.4. Em 10.11.2021, *email* resposta do proponente.

Departamento dos Bens Culturais  
Divisão do Património Imóvel, Móvel e Imaterial

2.5. Em 17.01.2022, *email* enviado à CMS a solicitar informação relativamente ao proprietário, bem como informação histórica/bibliográfica existente no município sobre a referida quinta.

2.6. Em 14.02.2022, Ofício n.º 358/2022 da Câmara Municipal de Sardoal a informar a DGPC de que o proprietário da “Quinta do Vale da Lousa”, constituída pelo artigo rústico 46, secção U e artigo urbano 2414, é o Banco Comercial Português S.A.

2.7. Apesar das diversas tentativas, não foi possível, até ao presente, visitar a quinta, fazendo uso dos elementos remetidos pelo requerente para fundamentar a nossa análise.

2.8. No seguimento do despacho acima referido, verificamos que o proponente remeteu, para os devidos efeitos, os elementos necessários para a instrução da proposta de eventual classificação da «Quinta do Vale da Lousa», sobre a qual cumpre agora informar e propor.

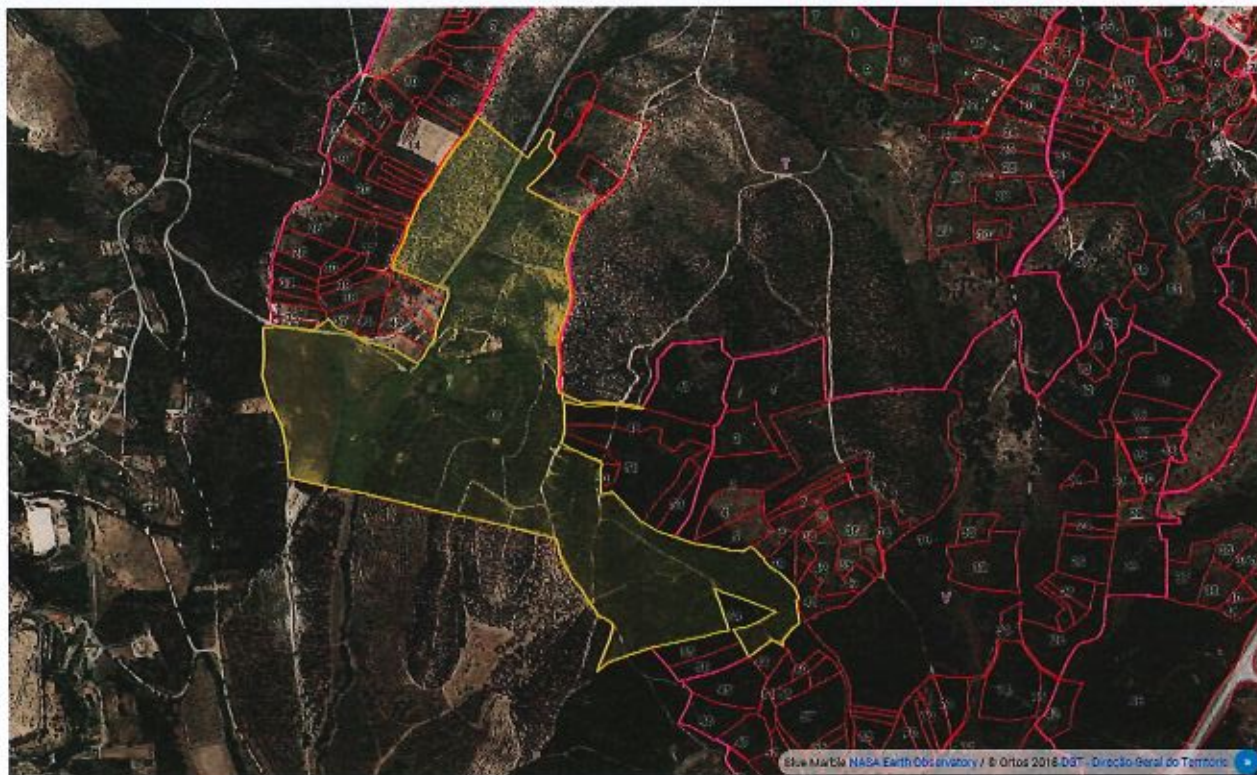


Fig. 2. Planta com a área de implantação da Quinta do Vale da Lousa, constituída pelo artigo rústico 46, secção U, e artigo urbano 2414, in <https://www.dgterritorio.gov.pt/cadastr/pesquisa-de-seccoes-cadastrais> consultado a 04.08.2022.

Departamento dos Bens Culturais  
 Divisão do Património Imóvel, Móvel e Imaterial

### 3. INSTRUMENTOS DE GESTÃO TERRITORIAL

#### Plano Diretor Municipal de Sardoal (PDMS)

Resolução do Conselho de Ministros n.º 95/94, DR, I série-B, n.º 227, de 30 de setembro.

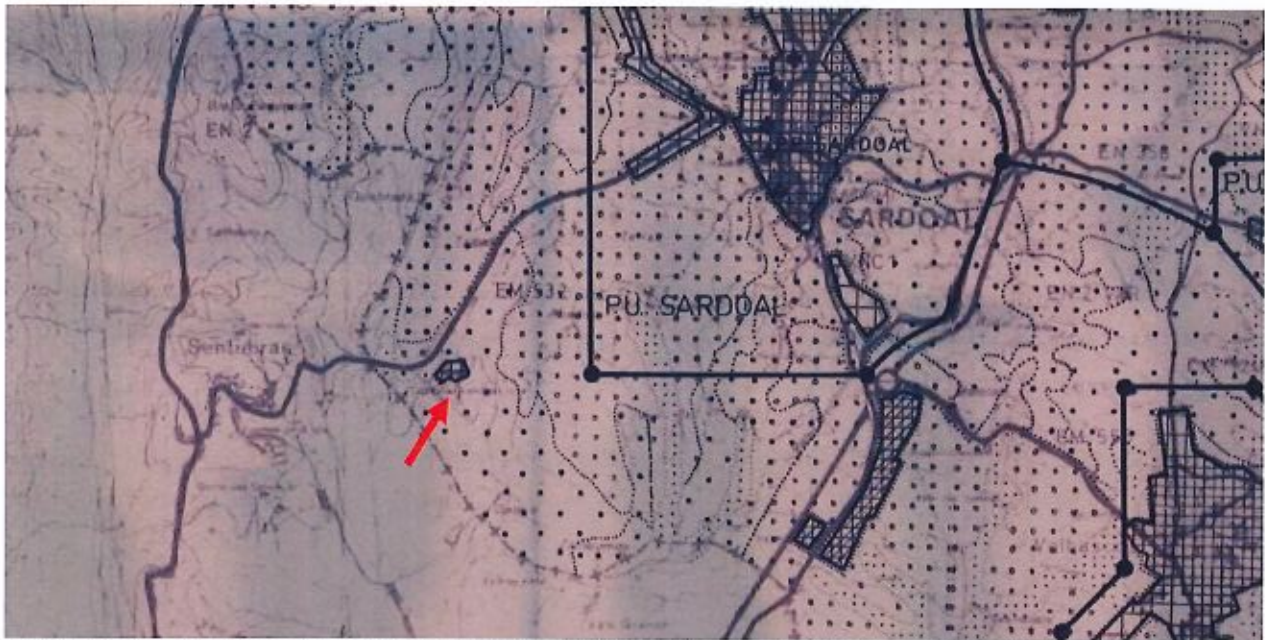


Fig. 3. Extrato da Planta de Ordenamento, PDMS. Localização/implantação da Quinta do Vale da Sousa.  
[http://www.cm-sardoal.pt/images/CMS/Services/Ordenamento\\_Territ%C3%B3rio/PDM/Ordenamento.pdf](http://www.cm-sardoal.pt/images/CMS/Services/Ordenamento_Territ%C3%B3rio/PDM/Ordenamento.pdf)

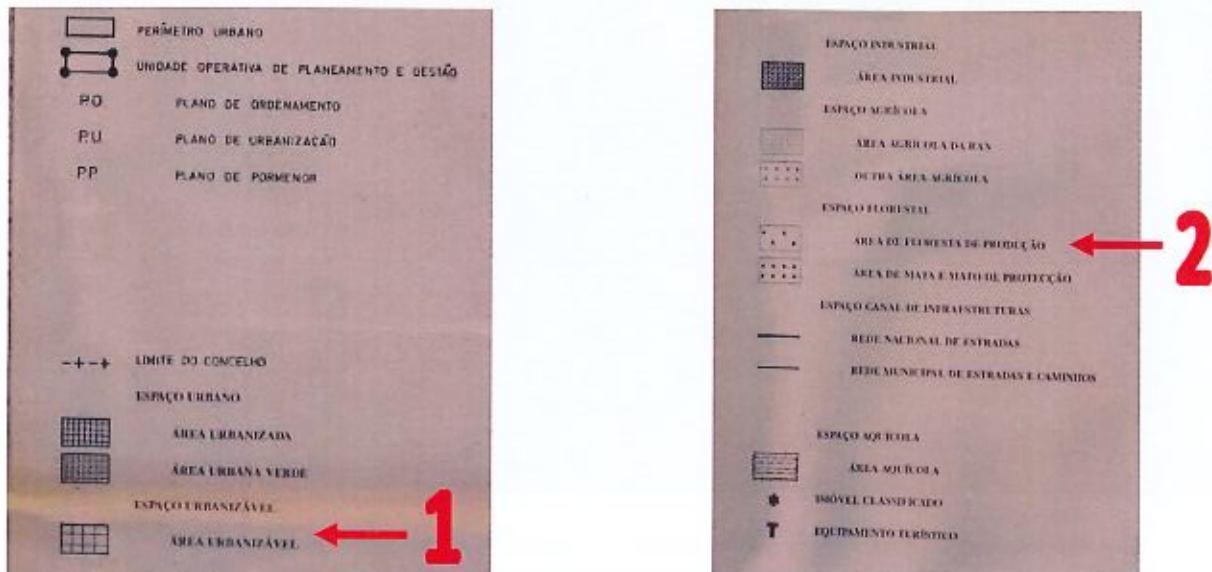


Fig. 4. Planta de Ordenamento, PDMS, Legenda.  
[http://www.cm-sardoal.pt/images/CMS/Services/Ordenamento\\_Territ%C3%B3rio/PDM/Ordenamento.pdf](http://www.cm-sardoal.pt/images/CMS/Services/Ordenamento_Territ%C3%B3rio/PDM/Ordenamento.pdf)

*Pm*

Segundo o PDMS, a Quinta do Vale da Lousa (1) é considerada como «Área urbanizável» / «Espaço urbanizável» (art.<sup>os</sup> 2.º e 5.º), ver figs. 2 e 3.

**Artigo. 2.º, Constituição e definições, Área Urbanizável** - «(...) categoria de espaço da classe espaço urbanizável, correspondente à área regulamentada de uma área urbana, programada como reserva para a constituição de área urbanizada no prazo de vigência do PDMS.»

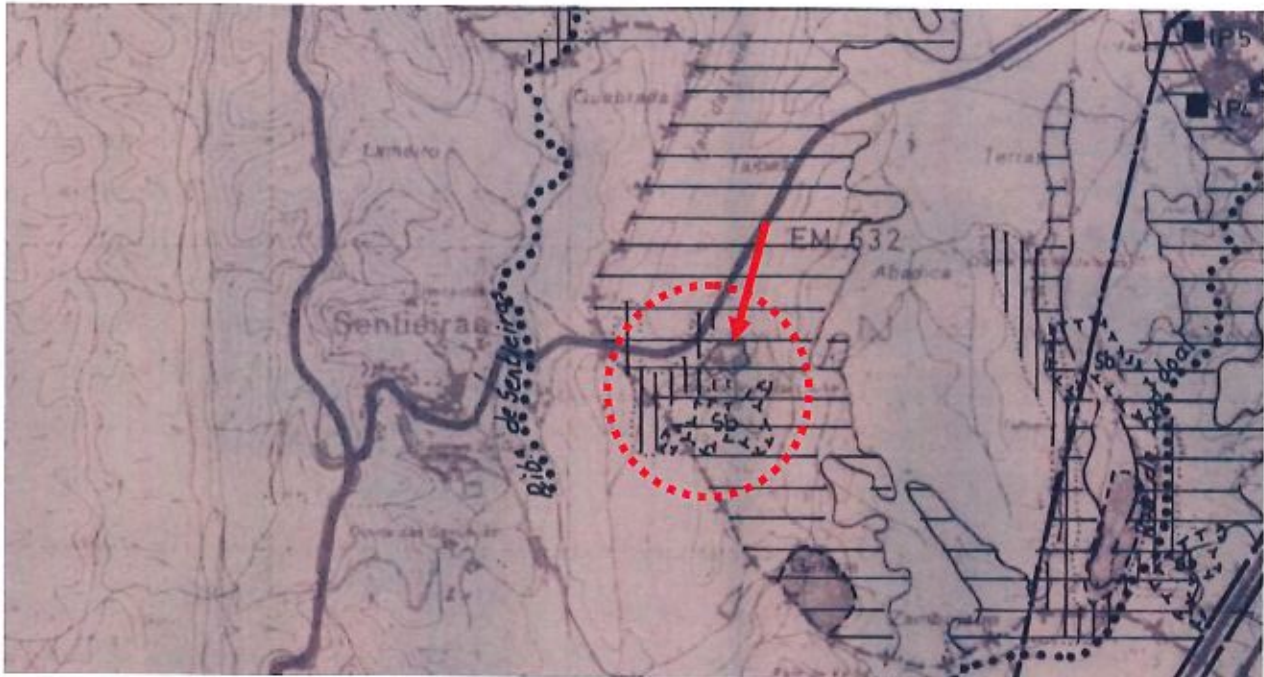
**Artigo. 5.º, Espaço urbanizável**, «(...) o espaço urbanizável é caracterizado por poder vir a adquirir as características do espaço urbano; correspondente à área de reserva para expansão a curto e médio prazos, incluído em perímetro urbano de uma área urbana, não abrangido pela RAN, pela REN ou por servidão *non aedificandi*.»

A área envolvente (2) à Quinta é considerada como «Espaço florestal, Área de floresta de produção». O «espaço florestal é destinado à produção florestal, à actividade silvo-pastoril e ao uso múltiplo da floresta, exercendo ainda as funções de protecção ambiental. Os principais povoamentos florestais são constituídos por eucaliptal e pinhal; existem ainda alguns montados de sodro» (art. 8.º, 1). Dentro das categorias de espaço definidas no espaço florestal a zona envolvente integra as categorias de espaço: «Área florestal de produção» (art. 8.º, 1.1., alínea a1).)

A edificação no espaço florestal é regulada no artigo das «Disposições específicas» (art.º 8, n.º 2, 2.1 e demais subalíneas), que definem que no «espaço florestal não é admitido, nos termos da lei geral, o licenciamento de loteamento, obras de urbanização e edificação. Só é admitido o licenciamento de edificações indispensáveis à protecção e exploração silvícola desse espaço, que obtenha parecer prévio favorável do IF e observe» os condicionamentos previstos nas alíneas a1) a a7).

O art.º 12.º indica as «**Condicionantes/servidões e restrições de utilidade pública**». De acordo com a Planta de Condicionantes (Fig. 5), toda a área da quinta integra a Reserva Ecológica Nacional (REN) – em termos de PDM, submetido ao regime jurídico da REN, e a sua envolvente a poente é classificada como Reserva Agrícola Nacional (RAN), submetido ao regime jurídico da RAN (Fig. 5), tendo a sul o Montado de Sobro, o qual tem a regulamentação de uso no âmbito do PDM, no art.º 8.º, «Espaço florestal», a regulamentação específica sob jurisdição do IF.

Departamento dos Bens Culturais  
 Divisão do Património Imóvel, Móvel e Imaterial



	NASCENTE
	R.E.N.
	R.A.N.
	MONTADO DE SOBRO
	ÁREA PERCORRIDA POR INCÊNDIO
	IMÓVEL CLASSIFICADO
	LINHA DE AT

Fig. 5. Extrato da Planta de Condicionantes, PDMS, Resolução do Conselho de Ministros n.º 95/94, DR, I série-B, n.º 227, de 30 de setembro. Localização/implantação da Quinta do Vale da Sousa.

[http://www.cm-sardoal.pt/images/CMS/Services/Ordenamento\\_Territ%C3%B3rio/PDM/Condicionantes.pdf](http://www.cm-sardoal.pt/images/CMS/Services/Ordenamento_Territ%C3%B3rio/PDM/Condicionantes.pdf)

*PM*

Departamento dos Bens Culturais  
Divisão do Património Imóvel, Móvel e Imaterial

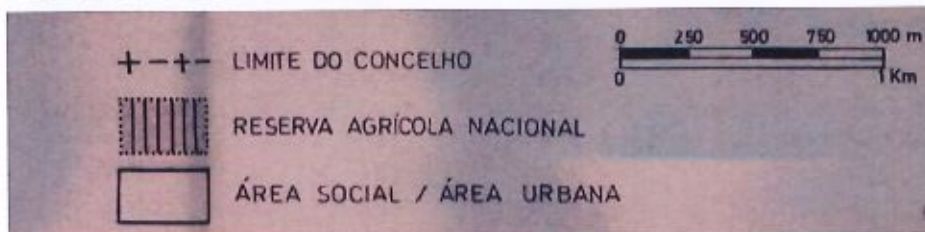
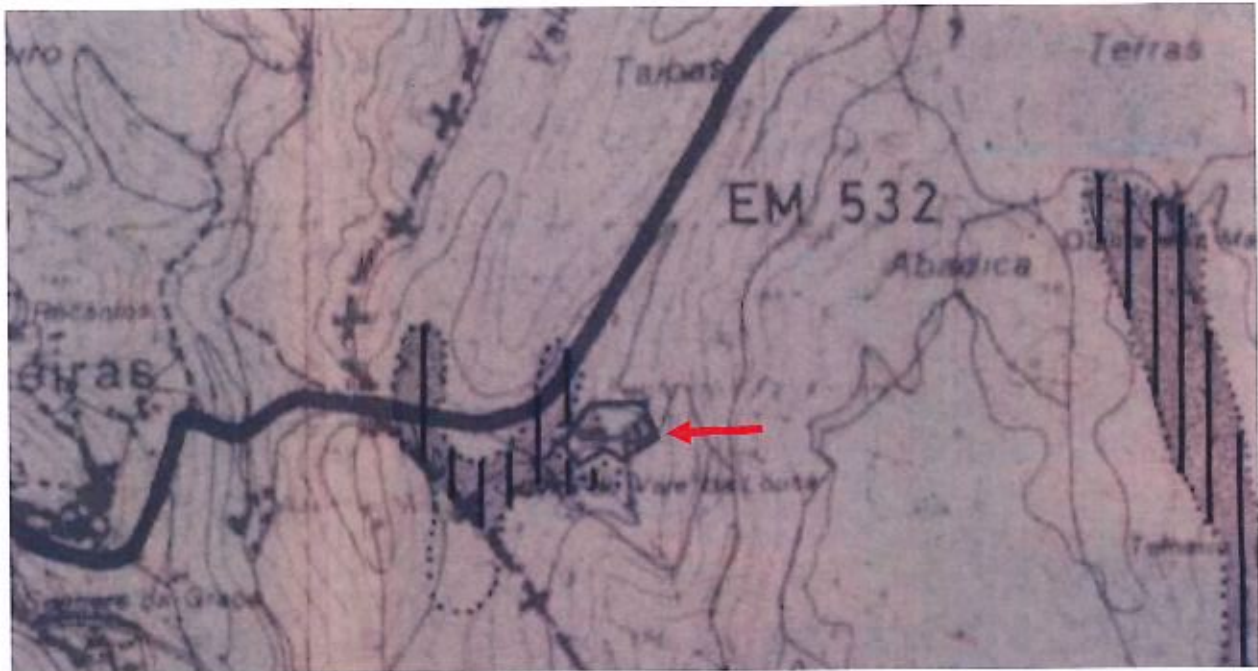


Fig. 6. Extrato da Planta de Condicionantes RAN, PDMS, Resolução do Conselho de Ministros n.º 95/94, DR, I série-B, n.º 227, de 30 de setembro. Localização/implantação da Quinta do Vale da Sousa.

[http://www.cm-sardoal.pt/images/CMS/Services/Ordenamento\\_Territ%C3%B3rio/PDM/RAN.pdf](http://www.cm-sardoal.pt/images/CMS/Services/Ordenamento_Territ%C3%B3rio/PDM/RAN.pdf)

Departamento dos Bens Culturais  
 Divisão do Património Imóvel, Móvel e Imaterial

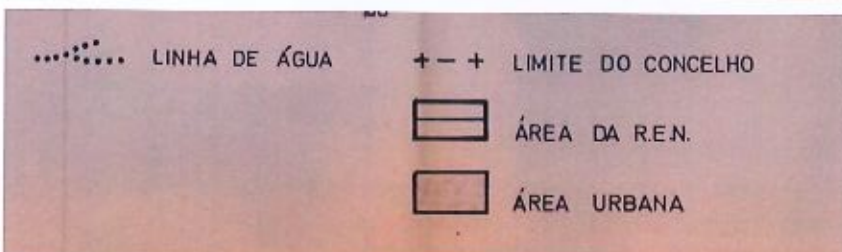
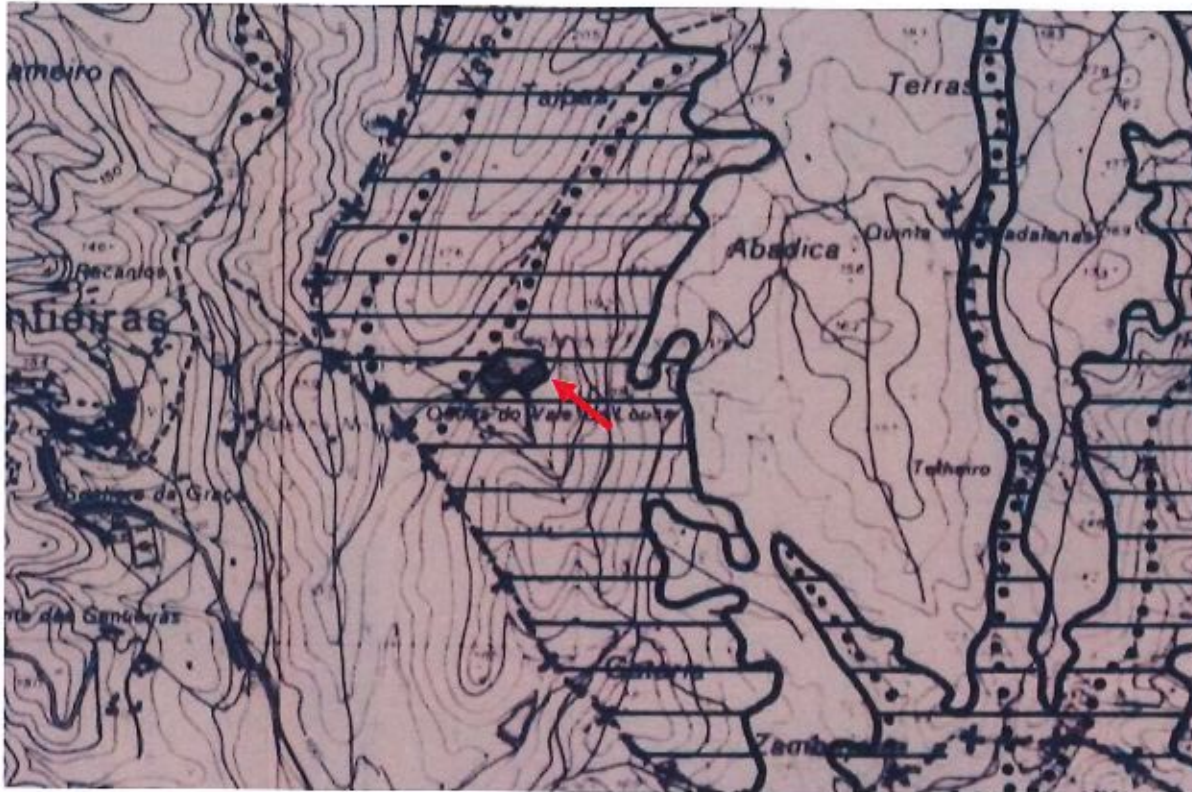


Fig. 7. Extrato da Planta de Condicionantes REN, PDMS, Resolução do Conselho de Ministros n.º 95/94, DR, I série-B, n.º 227, de 30 de setembro. Localização/implantação da Quinta do Vale da Sousa.

[http://www.cm-sardoal.pt/images/CMS/Services/Ordenamento Territ%C3%B3rio/PDM/REN.pdf](http://www.cm-sardoal.pt/images/CMS/Services/Ordenamento_Territ%C3%B3rio/PDM/REN.pdf)

O art. 13.º, n.º 1, alínea *a*) do PDMS («Património cultural»), refere ainda que «Sempre que ocorra em qualquer classe de espaço algum bem que pelo seu reconhecido valor próprio constitua património

*PM*



Departamento dos Bens Culturais  
Divisão do Património Imóvel, Móvel e Imaterial

cultural, é dever da Câmara Municipal de Sardoal colaborar com o Estado, demais entidades públicas e municipais na salvaguarda e valorização desse mesmo património.»



Fig. 8. Extrato da Planta de Condicionantes (PDM 1994), in CD a instruir o Processo n.º 93/26-16(3), CS 18432 (Vol. 2) PDM do Sardoal (Revisão).



Fig. 9. Extrato da Planta de Ordenamento (PDM 1994), in CD a instruir o Processo n.º 93/26-16(3), CS 18432 (Vol. 2) PDM do Sardoal (Revisão).

Departamento dos Bens Culturais  
Divisão do Património Imóvel, Móvel e Imaterial



Fig. 10. Extrato da Planta de RAN 94 (PDM 1994), in CD a instruir o Processo n.º 93/26-16(3), CS 18432 (Vol. 2) PDM do Sardoal (Revisão).

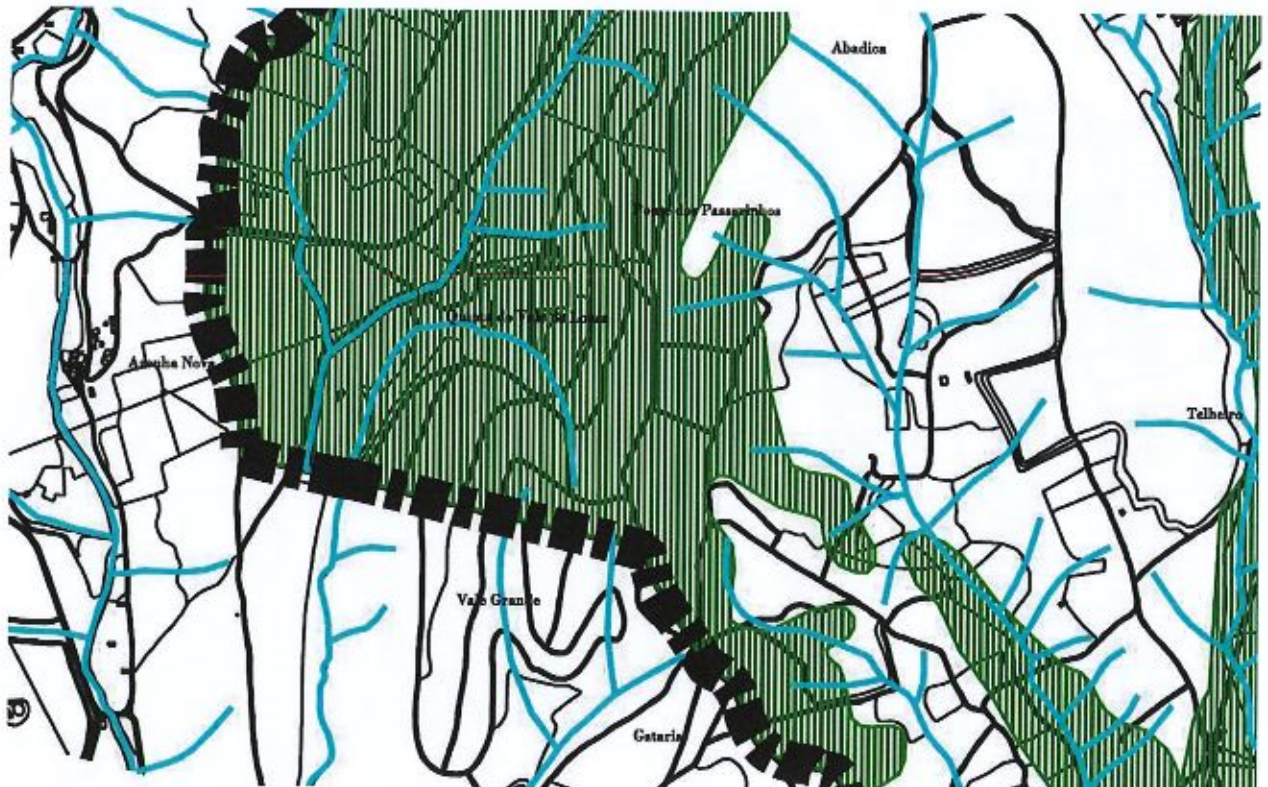


Fig. 11. Extrato da Planta de REN 94 (PDM 1994), in CD a instruir o Processo n.º 93/26-16(3), CS 18432 (Vol. 2) PDM do Sardoal (Revisão).

*Pm*

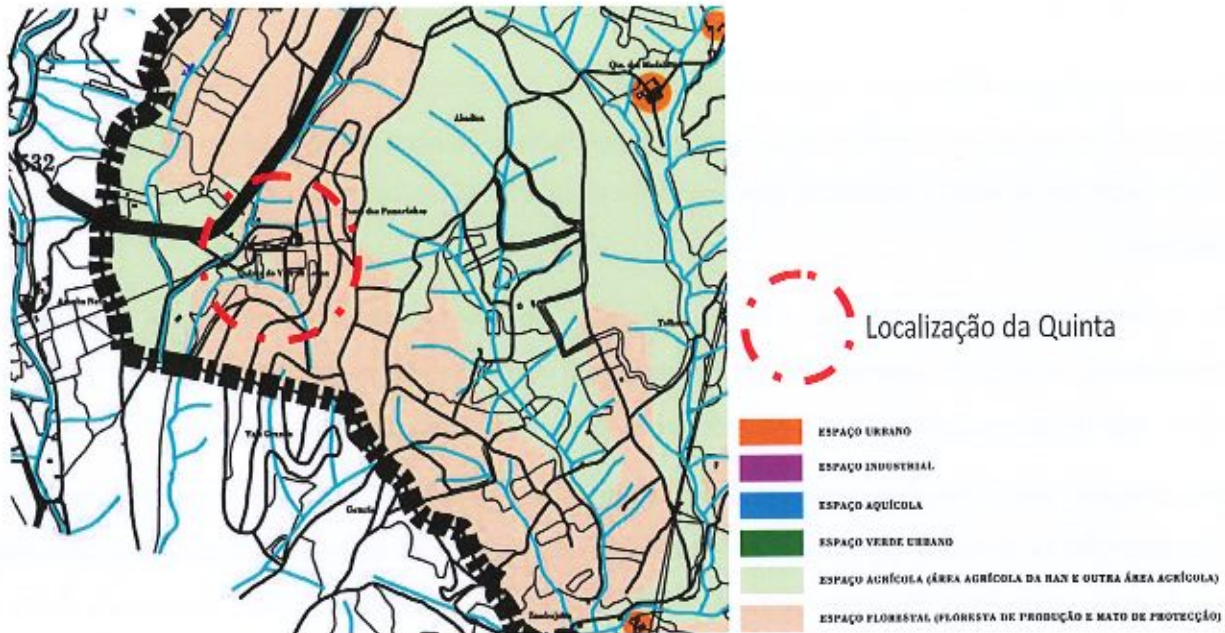


Fig. 12. Extrato da Planta de "Uso Actual do Solo", Junho 05 (PDM 1994), in CD a instruir o Processo n.º 93/26-16(3), CS 18432 (Vol. 2) PDM do Sardoal (Revisão).

A maior parte do território é ocupada por Espaço Florestal (floresta de produção e mato de proteção), e apesar de este se encontrar distribuído por todo o concelho, nota-se particular expressão no norte e este do território concelhio.

O Espaço Agrícola (área agrícola da RAN e outra área agrícola) também possui expressão no concelho.

Considerando o conjunto do Espaço Florestal e Espaço Agrícola é possível verificar a importância e o peso que estes dois tipos de solo possuem na realidade socioeconómica do concelho de Sardoal, uma vez que as atividades ligadas à silvicultura e explorações agropecuárias encontram neste território boas condições para se desenvolverem.

#### 4. INFORMAÇÃO

---

De acordo com os elementos a instruir a proposta de classificação a Quinta do Vale da Lousa, cuja construção se iniciou em meados do século XVIII, encontra-se implantada num pequeno vale, moldado em terraços por Manoel Constâncio, que cobrem e anulam a evidência física, da linha de água, que por ele corria.

Os terraços dispõem-se, por isso mesmo, ao longo do vale em socalcos sucessivos, no sentido descendente, a partir do tanque de cima, em direção à várzea da ribeira da Lousa, acompanhando por isso a orografia original do terreno. Nesses terraços foram implantados os jardins as hortas.

Um caminho periférico, envolvente deste conjunto de terraços, permite circular a quinta em contemplação da atividade agrícola, e em contacto com os jardins. O mesmo caminho servia de acesso aos diversos patamares, dispostos junto à várzea, destinados às culturas anuais, árvores de fruto e vinhas.

O espaço de lazer da quinta cresce durante todo o século XIX. Os proprietários que sucedem a Manoel Constâncio vão buscar a Brás Consolado e à herança de Manoel Constâncio, por força do casamento daquele com Maria Margarida (filha de Manoel Constâncio), a capacidade de agregar novas terras (com fins eminentemente agrícolas e florestais), prolongando o espaço com mais jardins e novos espaços de hortas.

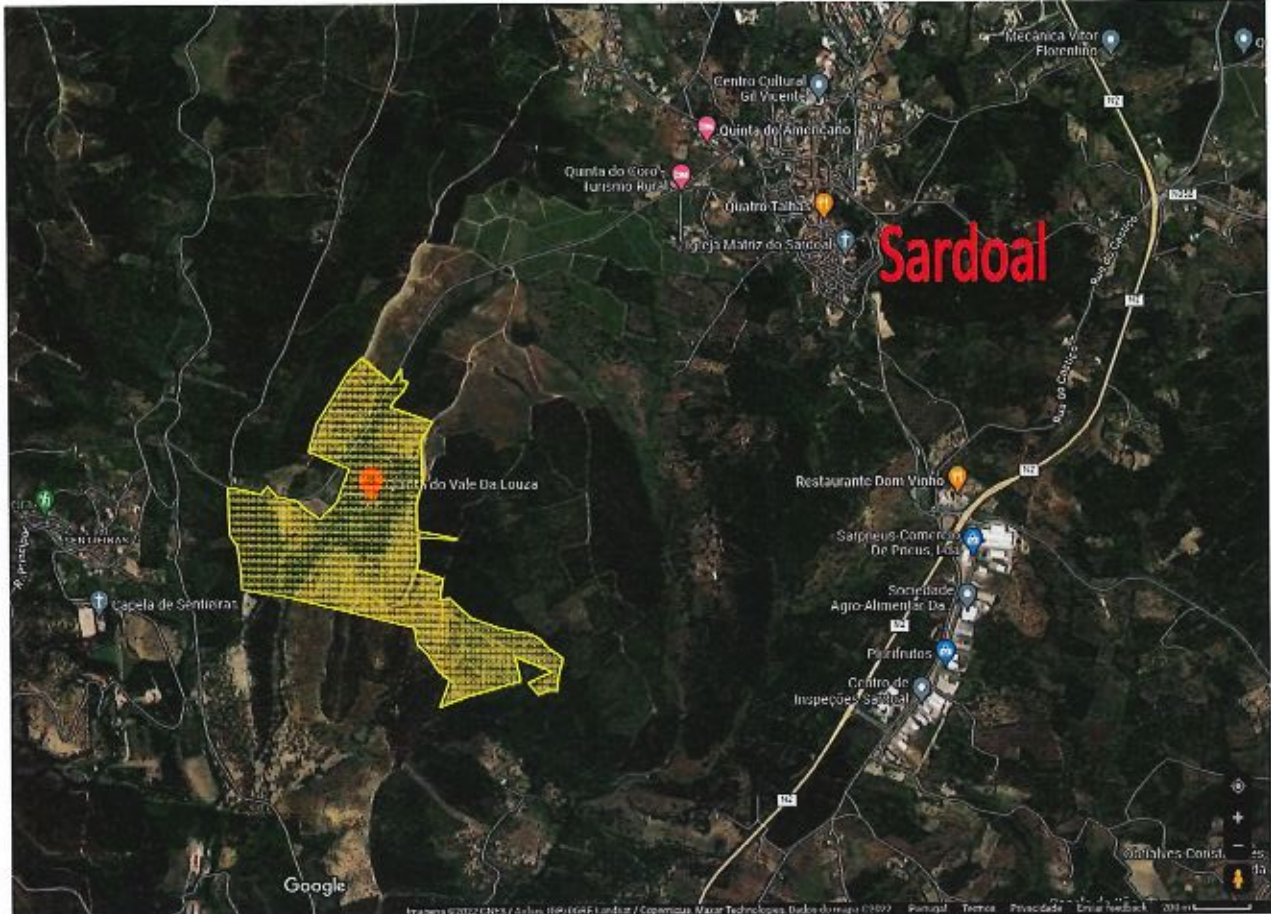


Fig. 13. Quinta do Vale da Louza. Localização face ao Sardoal, in <https://www.google.pt/maps/@39.5254028,-8.1803462,315m/data=!3m1!1e3?hl=pt-BR>. Área de implantação (esquemática a amarelo) da Quinta do Vale da Louza, constituída pelo artigo rústico 46, secção U, e artigo urbano 2414 (ver Fig. 2).

#### 4.1. Memória descritiva (de acordo com a Memória Descritiva da “Quinta do Valle da Louza”, Carlos Lopes de Sousa)

##### 4.1.1. As casas

«Dispostas segundo 2 riscos (um risco que diz respeito ao celeiro, casa de Manoel Constâncio e casas dos serviçais e um 2º risco das casas dos criados e arrumos mais acima, do Século XIX).

Todas elas viradas a Sul, criando uma rua que é o início do deambulatório que, já referido, percorre toda (sic) o espaço que sofreu a intervenção.

Esta disposição não está em conformidade com uma quinta tradicional da região, correspondendo por isso, a um conceito “trazido de fora” reforçando a ligação da visão e influência de Manoel Constâncio ao que observava nas Quintas que visitava em Lisboa e arredores.»<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Quinta do Valle da Louza, Memória Descritiva, Carlos Lopes de Sousa, p. 24.

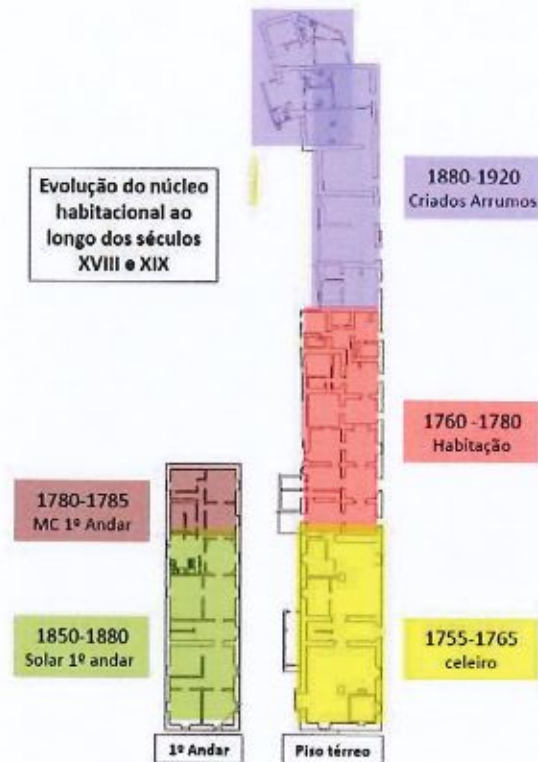


Fig. 14. Núcleo original e evolução, informação/planta do requerente.

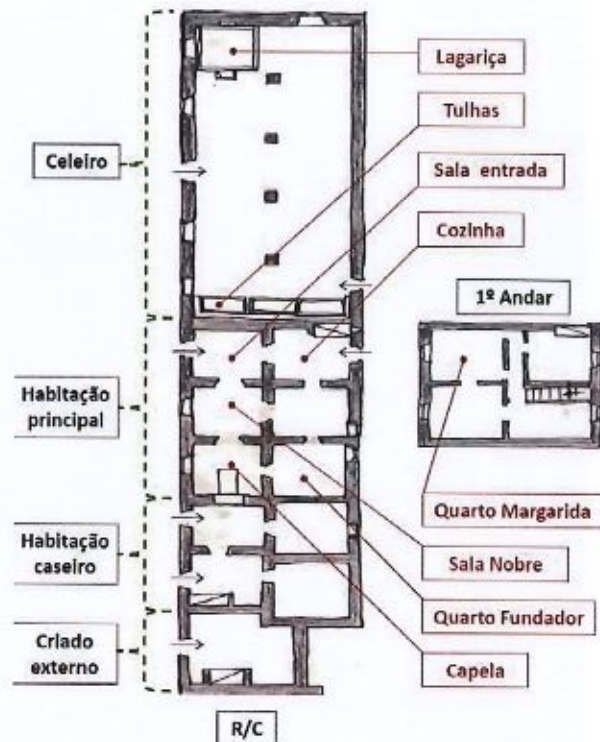


Fig. 15. Núcleo original, fotos do requerente.

#### 4.1.2. Casa do fundador

«(...) Na sua configuração original, num piso térreo, dispõem-se 6 divisões perfeitamente idênticas, sendo 3 no sentido longitudinal por 2 no sentido transversal. A planta corresponde a um retângulo de 10 m por 13,5 m (medida no sentido da rua).

Todas as divisões comunicavam entre sim (*sic*) por 2 ou 3 portas dispostas no centro da parede comum, da divisão contígua. As portas interiores são ainda hoje, as originais.

Nas divisões são identificáveis as funções originais de cada uma delas

Construção do conjunto casas e celeiro: paredes em alvenaria (pedra argamassada com cal), rebocadas e caiadas a cal.

A casa original foi construída independente do Celeiro mas solidária com as duas casas dos serviços para Nascente<sup>3</sup>.

Muito provavelmente a construção do celeiro (a poente) precede a das casas do fundador.

<sup>3</sup> Ibidem, p. 24. O levantamento do reboco na zona da união entre a casa e o celeiro revelou essa separação, descontinuidade das paredes, ainda que a sua seja a mesma logo construídas pela mesma altura. A continuidade das paredes, sem separação, com as casas de cima, mostra que foram feitas ao mesmo tempo.

Departamento dos Bens Culturais  
Divisão do Património Imóvel, Móvel e Imaterial

Acresce o facto de Manoal Constâncio ter, na altura, outra casa nas proximidades (Lugar de Folques/Sentieiras), levando a crer que nela se teria albergado aquando da construção da sua Quinta do Valle de Louza, isso permitiu-lhe ter começado as obras pelo edifício do Celeiro, onde poderiam pernoitar os muitos trabalhadores das obras em curso<sup>4</sup>.

### Sala de entrada

A entrada a partir da rua faz-se por porta ampla com postigo de ombreiras e lintel em pedra calcária.

Esta sala comunica com a cozinha e sala decorada. Poderia por isso funcionar como sala de comer e estar no dia-a-dia.

O chão é revestido por lajes de pedra calcária rosa, muito possivelmente com origem na Serra de Tomar. Algumas da (sic) pedras ostentam marcas que se referem ao seu posicionamento que demonstra terem sido feitas sob encomenda e com plano de construção.

Lambris de azulejo em tom de azul-cobalto.

Teto em madeira ripada.



Figs. 16-17-18. Casa do Fundador – vista parcial da entrada, fotos do requerente.

### Sala decorada (nobre)

A sala comunica com a sala de entrada com a capela e com a sala contígua à cozinha pelo lado Norte.

Também lajeada em pedra, da mesma origem da sala de entrada Lambris em azulejo.

Teto decorado com tela pintada com motivos religiosos (sic) nomeadamente os Ramos, Bíblia, Arca da Aliança que evidenciam a crença de Manoel Constâncio (sic).

Provavelmente nos fins de Século XIX e por ocasião de um acontecimento especial como seja um casamento, foi aberta 2ª porta de entrada para a rua, decorada por cantaria em estilo clássico rebuscado, substituindo uma das 2 janelas para a rua\*\* (Sul), abertas por altura da construção da casa.

<sup>4</sup> Ibidem, p. 24.

Departamento dos Bens Culturais  
Divisão do Património Imóvel, Móvel e Imaterial



Figs. 19-20. Casa do Fundador – vista parcial da sala e da capela, fotos do requerente.



Figs. 21-22. Casa do Fundador – vista parcial da sala e da capela, fotos do requerente.



Figs. 23-24. Casa do Fundador – vista parcial da capela, fotos do requerente.





Departamento dos Bens Culturais  
Divisão do Património Imóvel, Móvel e Imaterial



Figs. 25-30. Casa do Fundador – vista parcial da capela, fotos do requerente.

Departamento dos Bens Culturais  
Divisão do Património Imóvel, Móvel e Imaterial



Figs. 31-32. Casa do Fundador – vista parcial da capela, fotos do requerente.

### Capela

Perfeitamente inserida na casa ocupando a divisão extrema no lado ocidental com janela para a rua.

Construída como se fosse um imenso oratório em, que o (sic) altar e crucifixo, podem ser fechados a partir de 2 portas decoradas.

“A estrutura do retábulo repete a ideia de um pequeno templo, composto por quatro pilastras estruturais, encimando capitéis estilizados que suportam o teto numa forma de abóbada. As pilastras desenvolvem-se retangularmente e são decoradas com reservas centrais em estofado, sendo as frontais decoradas na base dos capitéis com volutas e borlas. As pilastras integram-se no conjunto numa solução de perspetiva, para evidenciar o seu volume, técnica comum ao período neoclássico, com objetivo de concretizar um efeito cenográfico e de ilusão em “trompe l’oeil”. Os capitéis são pintados numa tentativa de imitar o mármore. A decoração do retábulo situa-se num período e estilo que nacionalmente se denominou de «D. Maria», é caracterizado pela utilização de elementos naturalistas, particularmente flores”

O pavimento é decorado a partir de lajes de pedra em tons de cinzento-escuro cruzadas, em quincôncio, com lajes cinzentas mas mais claras como se fosse um tabuleiro de xadrez.

Rodapé em azulejo do terceiro quartel do Séc. XVII.

Junto e central com o altar, em campa rasa, encontra-se o túmulo do fundador da Quinta cuja epígrafe se transcreve

*“AQUI JAZEM OS RESTOS MORTAIS DE MANOEL CONSTÂNCIO RESTAURADOR DA CIRURGIA PORTUGUEZA ESCUDEIRO E CAVALLEIRO FIDALGO CAVALEIRO PROFESSO DA ORDEM DE CRISTO CIRURGIAO DA R. CÂMARA E CIRURGIAO DO EXERCITO LENTE DE ANATOMIA NASCEO EM 1725\* E FALLECEO EM 1817 ”*

A decoração da capela apela à morte e ressurreição; o desejo de nela ser enterrado evidencia a fé e querer de Manoel Constâncio e a forma como preparou a sua morte

A janela para a rua é gradeada, com uma configuração em barriga, instalada provavelmente, por altura das Invasões Francesas.

Departamento dos Bens Culturais  
Divisão do Património Imóvel, Móvel e Imaterial

### **Quarto contíguo à capela**

Considerando a religiosidade do fundador, é previsível que tenha sido o seu quarto, dado o acesso direto à capela.

Se num primeiro momento este quarto comunicava, com a sala contígua através de uma porta ao centro, posteriormente, foi transferida para um dos cantos permitindo que a cama se situasse numa posição de onde poderia, através da outra porta, observar o altar, muito provavelmente até nos seus últimos momentos de vida.

### **Quarto contíguo à cozinha**

Corresponderia a um quarto de dormir talvez ocupado pela sua filha que o acompanhou quando saiu de Lisboa para a Quinta.

Como se descreve, mais adiante, esta passaria a ter um quarto no andar superior quando, à casa, foi acrescentado um andar.

### **Cozinha**

Com acesso direto para o exterior e para a sala de entrada.

Chão em lajes do local.

O lar de chão da lareira era inicial, em pedra granítica; foi mais tarde subido, usando as mesmas pedras, agora assentes sobre 2 arcos em tijolo o que tornou a cozinha mais funcional.

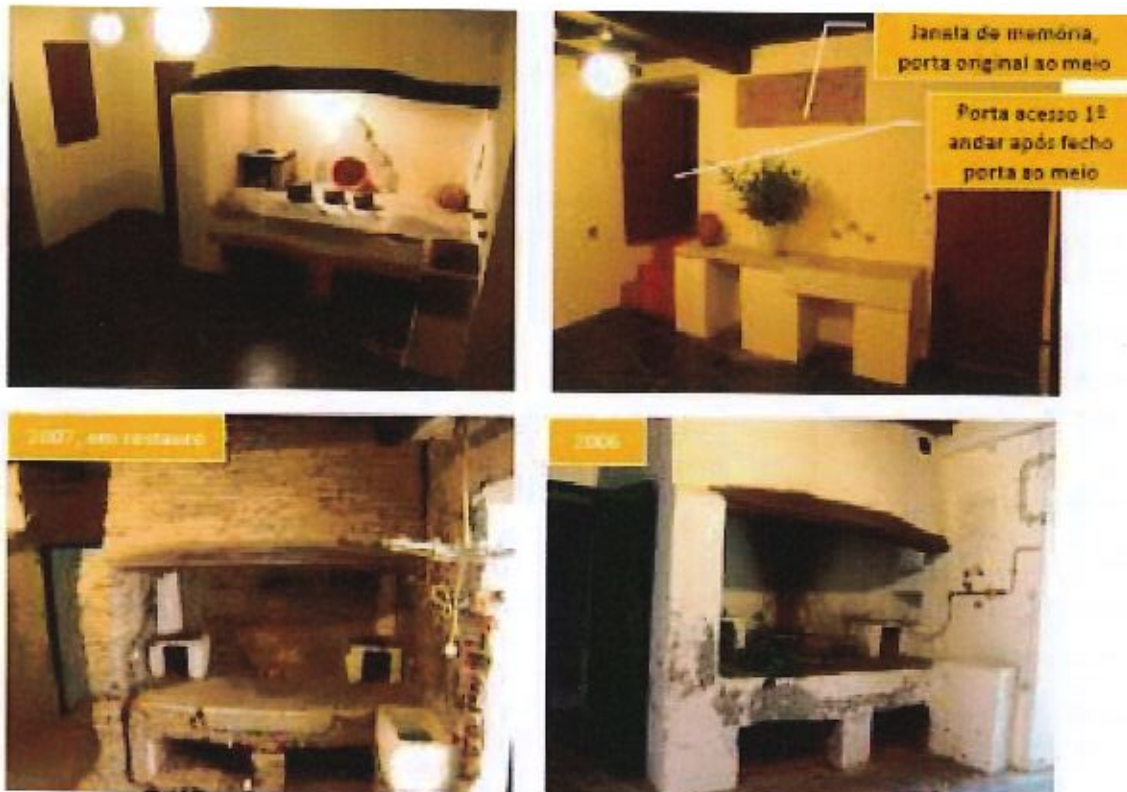
Comunicava com o quarto contíguo por uma porta ao centro, que foi tapada quando é construído o 1º andar da casa. No seu restauro foi a descoberto e deixada uma janela de memória.

Por essa altura foram descobertos os encaixes na parede, que permitiram a montagem dos andaimes para fazer subir as paredes, aquando do acrescento do 1º andar.»<sup>5</sup>



Fig. 33. Casa do Fundador – vista parcial da cozinha, foto do requerente.

<sup>5</sup> Ibidem, pp. 25 a 28.



Figs. 34-37. Casa do Fundador – vista parcial da cozinha, fotos do requerente.

#### «Abastecimento de água à casa

Fazia-se inicialmente de forma permanente a partir do tanque de cima. Da caleira, que corria na proximidade da casa e a partir desta, derivava um ramal que mantinha cheio um pequeno tanque na sala de entrada\* [\*Que se manteve pelo menos até ao 2017; situado à direita de quem entra pela porta principal.\*\*Tanque no interior da parede à direita da porta da sala de entrada com abertura suficiente para a entrada de um púcaro] onde os habitantes da casa se iam abastecer.

Com Francisco Roriz Abreu (antes portanto do seu falecimento em 1888) foi construído a norte da casa, junto à ribeira da Lousa, um poço transbordante interligado com uma mina e um extenso canal (cerca de 260 m) que conduzia a água até à fonte do Plátano em frente da casa.

Foi reparada e reforçada mais tarde, com conclusão em 10 de Junho de 1900, sob ordem de Tiago Abreu.

#### Evolução da casa primitiva

A vinda frequente à Quinta, por parte de Manoel Constâncio e filhos e consequente necessidade de alojamento, fez crescer, em altura, a casa\* [\*Não abrangida no espaço a classificar mas testemunho do esforço permanente de todas os proprietários em vencer as naturais carências, da Quinta, em água, *ibidem*, pág. 28.]

É previsível que esse acrescento se tenha feito antes de 1797 ou 1795, ocasião em que na quinta esteve na Quinta Manuel Maria do Bocage com Quinta com Pedro Constâncio (sic) e eventualmente com Francisco Constâncio e já estariam criadas as condições para os receber.

Para acesso, ao 1º andar, foi fechada a porta central da cozinha, aberta uma outra lateralmente e construída uma escada.

O fecho dessa porta central encontra-se testemunhado por uma “janela de memória”, que a deixou visível aquando do restauro da cozinha em 2007.

A subida do telhado foi aproveitada para construir um sótão onde se situava o esconso que acoitou Bocage. O acesso fazia-se através do fundo falso de uma estante. Uma claraboia criava as condições de alguma habitabilidade, ao esconderijo, para onde se recolhia o poeta quando se suspeitava de agentes de Pina Manique, em perseguição do poeta, andassem por perto.»<sup>6</sup>

#### «Casa dos criados e caseiros

Com a casa original fazem parte do mesmo conjunto\*; partilham o mesmo alinhamento, paredes e telhado\*\*.

Identifica-se 2 fogos. Um com uma cozinha (lar de chão)/sala de comer mais 3 quartos que poderiam constituir habitações permanentes dos criados da casa e ainda um segundo fogo com cozinha (lar de chão)/sala de comer e um pequeno quarto que serviria o caseiro.

[Ocupam um área de comprimento 14,5 m x largura 10 m

\*\* Um mesmo e único risco: celeiro, casa principal e casas do caseiro e criados]

#### (...) O celeiro

Ocupava uma área\*\*\* de 240 m<sup>2</sup> [\*\*\*Com um comprimento exterior de 23,8 m e uma largura também exterior de 10 m.]. O seu piso encontra-se num plano inferior em 0,5 m relativamente às casas contíguas, que reforça a ideia já descrita, que precede a construção das casas.

O telhado dispunha-se, originalmente, segundo o prolongamento das casas de habitação e era suportado por 3 pilares, dos quais persistem 2, sendo que o terceiro foi anulado por coincidir com uma das paredes da entrada de acesso ao piso superior construído posteriormente.

O acesso fazia-se a partir de 2 portas. Uma virada, funcional, a Sul e uma (sic) Norte.

#### **Porta a norte**

Foi fechada mas é visível o lambril superior em pedra que se manteve.

De largura curta pois estava virada a Norte e o celeiro não devia receber as aragens daí vindas.

Vizinha da porta da cozinha para fácil acesso ao celeiro

No seu interior, no lado poente, localiza-se (sic) a lagariça, toda em pedra calcária dura, de dimensões avantajadas\*\*\*\* [Com 3,5 m x 3,5 m e altura 1,2 m. Espessura das pedras é 0,2 m] demonstradora da importância que Manoel Constâncio dava à vinha e ao vinho e quanto isso reforçava o seu prestígio na capital do Reino.

Nela trabalhava um lagar de Varas:

<sup>6</sup> Ibidem, p. 29.

### Lagar de varas

2 pesos do fuso de compressão, em pedra granítica local, ainda se encontram na quinta. Um no balcão da rua em frente das casas o outro no lago dos Recortes.

Distinguem-se, na parede Este, os encastres da vara (em pau) e do eixo. A vara era desenganchada para que a lagariça ficasse livre para outras funções nomeadamente para a pisa.

No lado oposto uma bica permitia que o mosto escorresse. Por baixo uma tulha profunda recebia o folhelho que restava do processo.

É admissível que fosse também usado como lagar de azeite.

A entrada da uva fazia-se por uma das 5 janelas gradeadas. A grade, com pequena porta, equipada de fechadura, que era aberta, por ocasião da vindima, para entrada da uva diretamente para a lagariça

As outras 4 janelas possuem igualmente grades, a direito, distinguindo-se da grade, em barriga, da janela da capela o que aponta para que tenham sido aplicadas aquando da construção do celeiro para reforçar a segurança do mesmo.

O chão, na área de serventia da adega, era em terra\*[\*Usual nas adegas tradicionais da época.]

A adega manteve-se, como tal, após a construção do primeiro piso sobre a adega, até metade do Séc. XX.

No extremo oposto, do celeiro, situavam-se 3 tulhas\*\*, também em pedra calcária, ocupando quase toda a parede. Teriam serventias múltiplas: armazenamento de cereais, salgadeira, azeite\*\*\*, etc.

No início do século XX foram derrubadas para abrir uma porta de acesso cómodo à cozinha contígua (da casa principal ao lado) uma vez que, no espaço das tulhas, foi construída uma pequena sala de estar e de comer e ao lado um quarto\*\*\*\*.

]\*\* Cada 2,5 de comprimento x 1,2 m de largura x 1,2 m de altura.

\*\*\* Uma das tulhas, a do canto, destinava-se seguramente ao azeite pois, na Primavera de 2016, uma das raízes dos plátanos, em frente da casa, introduziu-se entre as pedras e fez levantar uma delas despertando o aroma encerrado, facilmente reconhecível, do azeite.

\*\*\*\*Razão pela qual foi tapada a porte Norte, do celeiro, de serventia à cozinha]

As pedras, pela sua dimensão e peso, permaneceram no local e constituíam parte do chão dessa sala.»<sup>7</sup>

### «Casa Grande (solar)

#### Evolução

Com a transmissão da propriedade para a enteada da filha de Manuel Constâncio, Leonor Abreu, fez crescer o celeiro no seu todo e acrescentou o primeiro andar que se manteve até aos dias de hoje, conferindo-lhe o caráter (sic) solarengo.

A propriedade, agora já bem visível da estrada, abre-se por isso ao exterior mas reservando, a intimidade do vale, para os habitantes da casa

<sup>7</sup> Idem, pp 30-31.



Fig. 38-39. Casa do Fundador – vista parcial da ampliação para construção do 1.º piso (fins do séc. XVIII), e pormenor dos azulejos de rodapé, fotos do requerente.

### Tipologia

A entrada da casa faz-se a partir da porta original da adega

Para acesso ao andar superior (em baixo ficaram a adega e loja) foram erguidas duas paredes, criando um amplo átrio de entrada, no fundo do qual, uma escada, acede à parte de cima.

Em cima, a partir de um segundo átrio, distribuía-se as divisões que se unem por uma correnteza linear de portas, tornando visível toda a casa quando abertas. Conforme o número de habitantes, assim se iam abrindo novos quartos a partir das salas principais ao centro.

### Construção

Soalho de madeira sobre traves de carvalho.

Teto em ripado de pinho com assentamento direto das telhas-

Paredes exterior (sic) em pedra argamassada com cal; interiores em tabique.

Portas decoradas em “trompe l’oeil” criando a ilusão dos veios de madeira à vista-

### Quarto principal

No extremo Poente da casa, originalmente a toda a largura da casa, decorado com lambril em azulejo-

### Sala de comer do dia-a-dia

Peculiaridade de 2 armários de canto com mesa (de 2 pernas) rebatível para o seu interior, que fica escondida quando fechadas as portas.

### Sala de jantar formal

Ampla. Dotada de varanda, para a rua, com guarda em ferro forjado.»<sup>8</sup>

<sup>8</sup> Ibidem, pág. 32.

Departamento dos Bens Culturais  
Divisão do Património Imóvel, Móvel e Imaterial

«(...) Casario do Séc. XIX

### Casas dos trabalhadores

Na rua que subia para nascente (deambulatório), foi acrescentada uma carreira\* de casa para os trabalhadores da propriedade (permanentes e temporários) e outras com funções agrícolas: casa dos bois, apoio da atividade, etc.

### **Estrebaria**

Do lado esquerdo da casa foi construído o que configura ser uma estrebaria para os animais de transporte ou simplesmente para guarda das carruagens dos proprietários.

Um arco elegante e um portão preenchem o espaço entre a casa e esta construção.

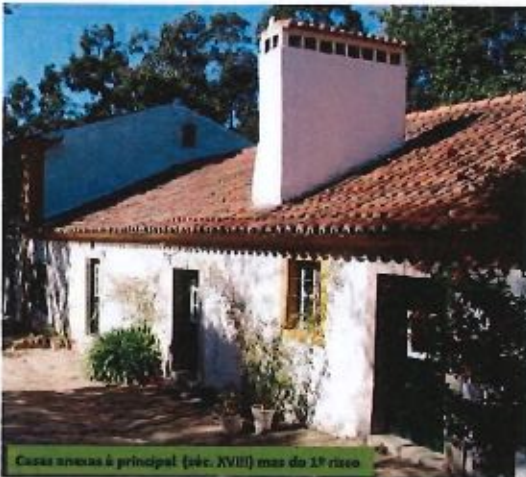
### **Celeiro (posterior)**

Do outro lado da rua existe uma arrecadação isolada\*\*, construída no séc. XIX, que seria um pequeno celeiro\*\*\* de reforço da casa grande, quando o desta passou também a ter também (sic) funções domésticas ou deixou de poder conter os bens agrícolas produzidos nesta e outras propriedades perdendo, por isso espaço de armazenagem.»

[\*Segundo um comprimento total de 37 m com uma largura média de 8 m

\*\*Dimensões externas largura 5m, 8m x comprimento 7,7m

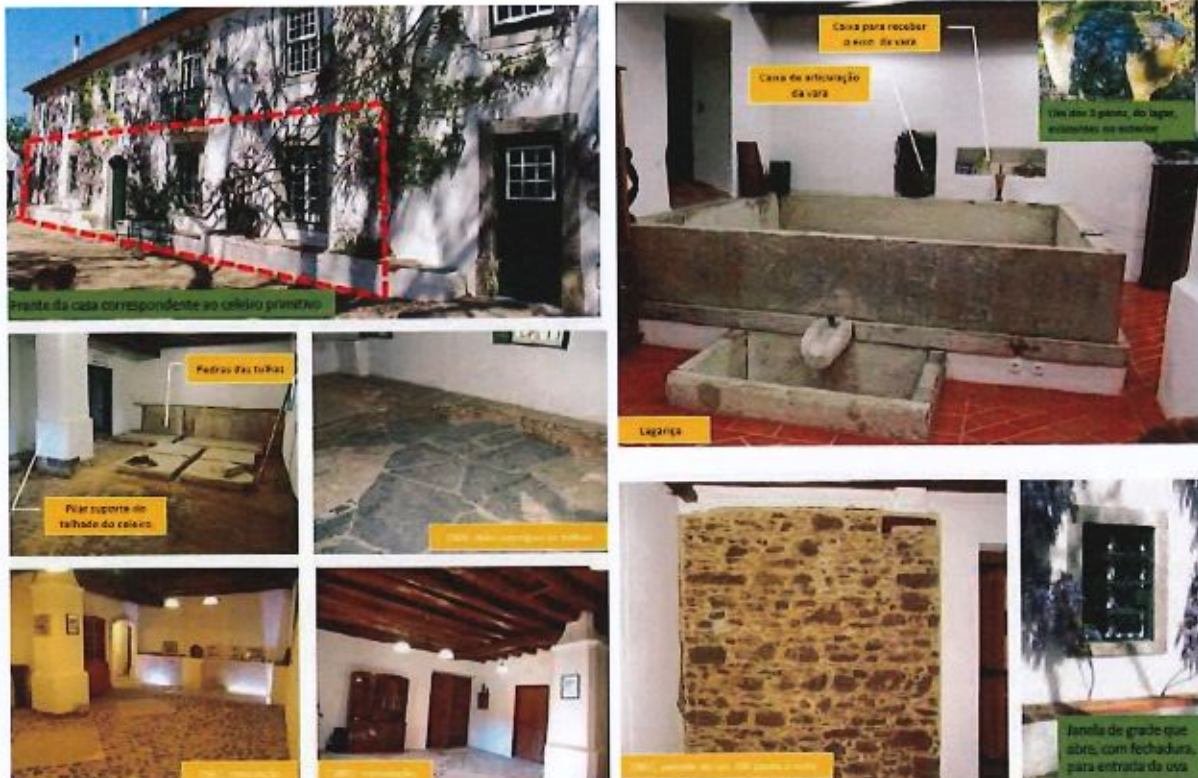
\*\*\*Não totalmente determinada a função desta casa. Atente-se que, nas traseiras, foi posto a descoberto porque coberta com terra solta, uma robusta mó em pedra que indicia que poderia ter servido para a produção no local de farinhas.]



Figs. 40-41. Casas anexas à casa principal, fotos do requerente.



Departamento dos Bens Culturais  
 Divisão do Património Imóvel, Móvel e Imaterial



Figs. 42-49. Frente da casa correspondente ao Celeiro primitivo, fotos do requerente.

### «(...) Os jardins

#### Visão geral

Situavam-se ao longo do deambulato dispondendo-se, tal como todos os outros espaços, de acordo com a orografia do terreno (\*) (\*\*).

[\*“Cada jardim parece adquirir as suas características espaciais de acordo com as condições do terreno...”; Tratado da Grandeza dos Jardins em Portugal, Hélder Carita-Homem Cardoso, 1998-Pág.78.

\*\*Como exemplo ver Quinta Mazzioti; Quintas e Palácios nos arredores de Lisboa, Anne de Stoop, pág 232, Livraria Civilização 1999.]

São identificáveis dois tempos de construção e ocupando duas áreas distintas. Uma acima da casa, contemporânea das casas iniciais Séc. XVIII (sic), com alguns facilmente reconhecíveis acrescentos posteriores e uma área, abaixo da casa, construída sucessivamente no Séc. XIX.

Refira-se que, em qualquer dos períodos, os bancos estão bem presentes em todos os espaços como que afirmando e confirmando uma das orientações construtivas da Quinta: o prazer de estar.

No assento dos bancos e degraus, no século XVIII dominou o recurso à lousa, no século XIX foi a tijoleira.

A discriminação que se segue, dos diferentes jardins, acompanha o percurso do deambulatório, quando ele se faz no sentido dos ponteiros do relógio.

## O Jardim das damas

Próximo da casa e logo no início do percurso, encontra-se um pequeno\*\* jardim que, pela sua dimensão, sugere o comum jardim das damas existente neste tipo de propriedades\*\*\* uma vez que é delimitado por muros e a sua vista “tapada” por canteiros e que o ocultam da rua.

[\*\*\*Dimensões: 15 x 15 m.]

Este jardim dispõe-se num plano superior sobranceiro a um terraço pomar/jardim, contíguo, que lhe serviria como espaço de contemplação. A importância deste espaço\* (o terraço) é visível no destaque que o construtor deu ao seu acesso: uma escadaria em lousa iniciada por arco fechado também em lousa

## Pomar-jardim de cima

Espaço fechado com acesso a partir de uma única porta que salvaguarda o isolamento no seu interior. Muros altos (acima de 3 metros), construídos de forma robusta, com lajes de pedra xistosa local. O conjunto configurando o Lusitano jardim (neste caso pomar-jardim) cripto mágico.

Quadrado perfeito 50x50m.

No topo, central e dominando o espaço, o tanque principal, com uma boca de 11m, parecendo dentro mas realmente fora das linhas geométricas do quadrado gerado pelos muros. Acede-se\*\*\*\* por 2 escadas em pedra a partir do jardim.

No muro Oeste, 2 amplas janelas, como se fossem varandas, permitiam ao usufrutuário, do jardim-pomar, contemplar o vale. Janelas para o mundo mas resguardando o recolhimento e privacidade do seu interior.

Dentro, o privilégio de sentir aos (sic) aromas, gerados pelas laranjeiras, limoeiros e árvores de fruto comuns nestes espaços nos jardins da tradição Portuguesa e retidos pelo confinamento criado pelos muros.

Aos sentidos era acrescida (sic) os sons da água a cair no tanque principal e a correr nas caleiras que o atravessavam levando a água a toda a propriedade a jusante

[\*\*\*\*“A obrigação de uma absoluta privacidade da mulher... determina certos jardins mais privados e protegidos...”; Tratado da Grandeza dos Jardins em Portugal, Hélder Carita-Homem Cardoso, 1998-Pág.80. Ainda que a aberto a novas ideias de Manoel Constâncio não é de excluir a manutenção desta tradição da tradição do jardim Português radicada numa cultura mediterrânea-islâmica]



Fig. 50. Visão geral, foto do requerente.



Departamento dos Bens Culturais  
Divisão do Património Imóvel, Móvel e Imaterial

### **Alameda da conserva**

Acima e num plano superior ao Pomar-jardim de Cima.

A entrada da conserva (acesso à galeria de armazenamento de água) é feita subindo uma pequena alameda.

Alameda com bancos de descanso de ambos os lados. Distinguem-se duas idades: os primeiros, no início da alameda, são lajeados no assento, a "lousa" (contemporâneos da construção da conserva), e os seguintes a tijoleira (embelezamento do Séc. XIX).

O chão dispõe-se em degraus sucessivos e é calcetado a seixo pequeno rolado e decorado 8 (sic)raios em lousa disposta a cutelo. Cada degrau com cerca de 3 metros.

Os degraus são de laje e indiciam a sua igualmente a contemporaneidade com a construção da conserva.

A orientação da Alameda é rigorosamente Este-oeste.

Sendo assim, um observador, colocado de costas para nascente e numa posição anterior ao bico da parede de acesso à conserva vê, nos equinócios, o pôr-do-sol no alinhamento preciso entre esse bico e o eixo do ondulado da parede do tanque do pomar de cima (que recebeu a estátua de Afrodite no Séc. XIX). Foi deliberada essa orientação.

### **Pomar-jardim do meio**

Situava-se mais abaixo, noutra terraço. Seguia a escada natural do declive do vale. Foi configurado em função do percurso do deambulato pelo que tem uma forma trapezoidal.

Fechado, também de muros altos, acede-se por 2 portas laterais igualmente fechadas. No topo existe um tanque com a função de armazenar e distribuir a água que provém de mina e das sobras.

Tal como o pomar-jardim de cima possui uma janela.»<sup>9</sup>

#### **4.1.3. «As obras hidráulicas – Legado de Manoel Constâncio. Armazenamento e prazer.**

Correspondem, no seu todo, ao período de construção da Quinta, no Séc. XVIII, sob orientação de Manoel Constâncio, nomeadamente:

##### **A conserva<sup>10</sup>**

(...)

A escassez de água na Louza contrastava com a abundância desta nos Folques. Nada que não fosse superável pela sua "constância" e inteligência. Também não lhe faltavam as fontes de conhecimento e inspiração nas obras das Águas Livres que percorriam Lisboa por esses tempos (1732-1799).

Em 1758\* [\*Data da inscrição na parede sobranceira ao tanque] começou por construir o tanque\* que alimentaria todo o sistema de distribuição de água\*\*[\*\*Ver capítulo sobre o mesmo] pela propriedade. Eram muitas as hortas, jardins, lagos, pomares que, numa lógica de interligação com outras fontes e na sábia condução dos "sobejos", pretendia que fossem suportados por essa fonte disposta no plano superior da quinta.

<sup>9</sup> Ibidem, pp 35-36.

<sup>10</sup> Cisterna para recolha de água(s).

Para o seu enchimento, o tanque, recebia as águas de uma mina\* e de uma das nascentes da encosta\*\* [\*Construída segundo o modelo e dimensões do que era e ainda é a tipologia de obras idênticas da região. Galeria estreita o suficiente para a entrada de um homem na progressão pela procura e coleta da água reduzindo ao mínimo o volume da terra removida visando a redução do esforço humano na construção \*\*Ver mais à frente descrição da Fonte dos Passarinhos], cuja caleira de condução, da água até ao reservatório, funcionava também como coletora da água da chuva acrescentando o caudal de alimentação. Neste caso a água caía, sobre o tanque, de uma altura de

3m, criando um ambiente de bucólica sonoridade tão ao gosto da época e em linha direta com a herança cultural Islâmica, bem presente nos nossos medievos hortos e pomares-jardim de estar e prazer.

Não demorou muito até perceber que as fontes e caudais de que dispunha não respondiam às necessidades da propriedade ainda para mais em contínuo alargamento.

#### A solução para o abastecimento de água<sup>11</sup>

Era vital encontrar outras fontes para a água. A estrutura geológica, da colina e vale (xistos grauváquicos), não favorecia a captação de água com recurso a minas e nascentes naturais não existiam.

De novo a argúcia e “constância” foram os elementos chave para a solução da dificuldade.

Se a água não brotava da terra ao longo do ano havia que a recolher e guardar quando a Natureza, no Inverno, a colocava á (sic) disposição com fartura.

Não esperou muito Manuel Constâncio e em 1779, já Lente de Anatomia (1763) e com outros cabedais e rendimentos, deu início à construção a montante do tanque principal, de um reservatório de água que lhe permitia reter a água que necessitava ao longo do Estio.

Mas para isso havia que manter sem destruir toda a obra entretanto construída nomeadamente o tanque principal\*\*\* [\*\*\*Ver descritivo do tanque do pomar-jardim de cima adiante]. A solução passou por construir mais acima uma galeria, de grandes dimensões, que passa a funcionar como reservatório de armazenamento de água.

A entrada, da nova galeria, dista 20 m do tanque principal e desenvolve-se, em linha reta, para o interior da colina segundo um comprimento de 115 m.

O términus da galeria corresponde, segundo a vertical mas no sub-solo, ao limite\* nesse tempo da propriedade da Quinta do Valle da Louza, facto que ilustra a verticalidade de Constâncio.

A obra tem no seu início uma largura de 2,0 m que se alarga, progressivamente, até aos 3 m. A altura varia entre os 3,5 m no começo (em abóboda) até aos 3m no fundo

Em momento posterior, foi-lhe acrescentada uma sala, aos 65 m sobre a esquerda, de configuração trapezoidal com um comprimento de 15 m por uma mediana de 4 m.

O volume total máximo armazenado, dentro da conserva, é de 850 m<sup>3</sup> o que permite renovar o tanque principal por 20 vezes ao longo da Primavera e Verão.

Encontra-se orientada, naquilo que só pode ser um ato de vontade, em perfeita harmonia com o sol nos seus equinócios (Nascente - Poente)\*\* [\*\*Ver Alameda da Conserva].

Nos primeiros 20 m, o teto, desenvolve-se em arco redondo de tijolo rebocado e do mesmo modo as paredes. A partir daí a solidez da rocha garantiu aos construtores, prescindir do arco contínuo de reforço

<sup>11</sup> Ibidem, p. 40.

e deixar a rocha à vista. Porque a robustez do xisto vai aumentando á (sic) medida que se avança na galeria, o Mestre das obras optou por alargá-la sem acrescer o risco de aluimento.

Para reforço pontual do teto, encontram-se dispostos a espaços, 8 arcos em redondo, de tijolo.

Em toda a sua extensão as paredes laterais são de alvenaria bem rebocada com massa fina, onde foram dispersos pigmentos de óxido de ferro.

Para remover o entulho e pedras da escavação, hoje distribuídas pelas obras da quinta, foi construída uma rampa entre a boca da mina e o tanque principal. A quantidade de material extraído (perto de 2 500 ton de rocha) obrigou à utilização de tração animal para tal. De modo inverso essa metodologia foi seguramente usada nos trabalhos de acabamento das paredes e teto agora para condução dos materiais para o interior da galeria

Uma vez concluída a escavação, a boca da mina foi tapada com uma parede de contenção da água, equipada com válvula de descarga de fundo\* [\*Linha do topo da colina da conserva], cujo acesso se faz por escada de pedra a partir da superfície.

É esta parede que á a (sic) obra visível da Conserva mas que esconde a dimensão do que lhe está por detrás.

Construída em alvenaria encimada por arcos e contra-arcos simétricos terminando em ponta. Idêntica forma vamos encontrar na Fonte das Casas. O acesso ao interior faz-se por porta lateral seguida de escada em pedra até à soleira da galeria.

À frente desta parede, o espaço correspondente à rampa de serviço, uma vez entulhada, deu origem a uma pequena alameda que nos conduz, desde o Belveder da quinta, até ela. Entre a mina e o tanque a água corre através de uma pequena galeria 0,6 x 0,7 m que se liga de forma direta com a boca do chafariz do tanque principal.

Finalmente, o modo como chega a água à conserva faz recurso da água da chuva que cai na encosta acima da conserva, uma vez que não tem qualquer expressão a água que se infiltra através do teto da galeria.

Para a cabeça da conserva converge uma muralha de pedra, com 2,5 m de altura. Esta é dividida por dois braços dispostos perpendiculares ao eixo da galeria cruzando-se com ela na entrada da mina. Um braço orientado para Norte com 35 m e um braço 65 m orientado para Sul.

A água recolhida na encosta, a montante desses braços, tem duas formas de chegar à conserva. Uma, derivada de escoamento superficial, transborda dos muros ou sai nos orifícios de drenagem e cai numa caleira/vala, a jusante da muralha que a acompanha e vai entrar na parede frontal da galeria. A outra água, que entretanto se infiltrou, é contida na mesma pela muralha e conduzida por detrás desta até um chafariz que descarrega diretamente para uma grande taça em pedra (de novo o efeito sonoro da água a cair que vai ser repetido mais a baixo (sic) no chafariz do tanque) e desta, por transbordo, para o interior da conserva. Nas paredes laterais, no início da galeria, foram dispostos alguns orifícios para saída da água de infiltração do plano vizinho da galeria.

Considerando a área da encosta determinou-se que o sistema permite recuperar 10% da água que aí cai anualmente.

Para manutenção e limpeza dispõe, a conserva, de um poço de visita posicionado logo por detrás da parede frontal através do qual foi possível fazer descer os meios para efetuar essas tarefas.

Departamento dos Bens Culturais  
Divisão do Património Imóvel, Móvel e Imaterial

Toda a obra é reveladora de um conhecimento e experiência que, claramente, vem de fora da região e que nela não tem equivalente. Bebe Manuel Constâncio de forma direta ou indireta nos trabalhos das Águas Livres e fica por esclarecer o envolvimento direto, na construção da conserva, de um dos arquitetos da obra de abastecimento de água a Lisboa, que seguramente conviveu com Constâncio, considerando o prestígio e relacionamento com a aristocracia e corte que o nosso Cirurgião já detinha por esses tempos.

É portanto um obra única, de fôlego e de expressiva grandeza para a região que reflete a dimensão, intuição e conhecimento de Manoel Constâncio, para além do (sic) sua carreira enquanto cirurgião e Lente de Anatomia.

Demorou 10 anos a sua construção. Após a sua conclusão, o Páreo da cirurgia portuguesa mandou colocar um painel de azulejos policromados, que nos quer fazer lembrar do apreço que teve pela obra, da expressão da sua vontade e da extensão do trabalho:

*“Em 1779 principiei esta hobra e concluí em 1789. Manoel Constâncio”.»<sup>12</sup>*



Fig. 51. A “Conserva”, foto do requerente.



Figs. 52-56. Alameda da Conserva, foto do requerente.

<sup>12</sup> Ibidem pp. 40-43.

### «Tanque do jardim-pomar de cima

A partir deste tanque que recebia, predominantemente, a água da conserva, fazia-se a distribuição de água a toda a propriedade.

Da fonte dos passarinhos, era também conduzida aí, um fio de água que se precipitava, de uma altura de 4 m, através de um tubo de ferro fundido, criando um murmúrio que ecoava por todo o enclausurado pomar-jardim de cima.

O tanque é ladeado por paredes altas e bancos de descanso e insere-se dentro de uma linha arquitetónica do nosso Barroco tardio.

Ao centro, uma pia-bica seguida de pia recebe a água da conserva gerando mais um murmúrio de queda de água. Por cima desta uma placa com a data de construção: 1768.

Na vertical da pia o arco cimeiro recebeu, no séc. XIX, uma estátua de Afrodite para embelezamento do local.

Nos cantos laterais frontais e parede frontal, 4 colunas encimadas por capitéis singelos. Nos laterais foram, mais tarde, aplicadas (sic) 2 bustos representando a duplicidade Feminina/Masculino.

O tanque possui igualmente uma caixa de recolha dos peixes no caso de vazamento para limpeza ou manutenção.

#### Origens da água

##### *A – Fonte dos passarinhos e Muro do tanque do pomar de cima*

No deambulatório, na vereda acima do pomar de cima, imediatamente antes da alameda da conserva.

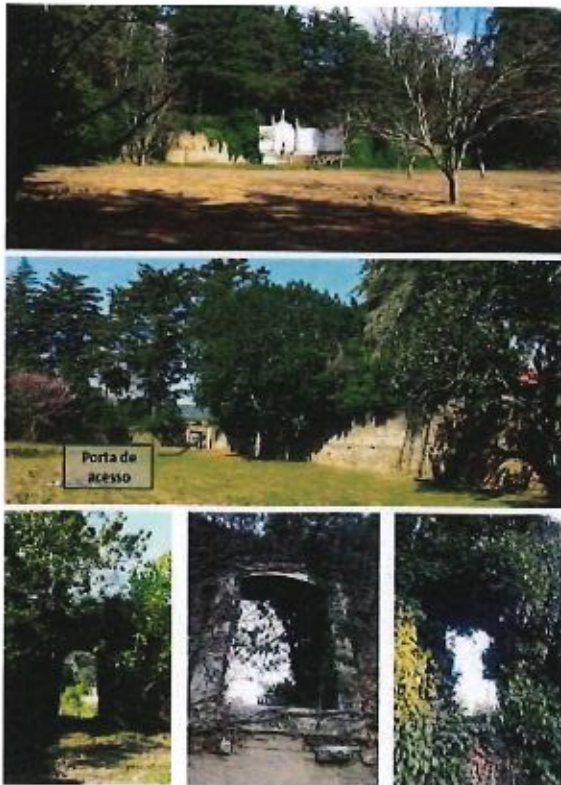
Talvez tenha sido o ensaio, precursor do sistema de recolha das águas da conserva.

Uma caleira vinda da fonte dos passarinhos recebe as águas desta e funciona como barreira das águas que escorrem, à superfície do terreno e abaixo deste.

Aberturas permitem seguir visualmente o cursos da água ao mesmo tempo que dão acesso a caixas de decantação das areias e terras que a água arrastasse.

Esta caleira, imediatamente a seguir à fonte dos Passarinhos, passa por um dos degraus da escada que dá acesso à vereda que segue para Nascente. Escada em lousa que atesta a sua construção no Séc. XVII.

Departamento dos Bens Culturais  
 Divisão do Património Imóvel, Móvel e Imaterial



Janelas, vistas a partir de dentro e da Vereda das Varandas

Figs. 57-61. Pomar, jardim de cima, fotos do requerente.



\* Estátuas posteriores (Séc. XIX) à construção original do tanque

Figs. 62-68. Tanque do jardim pomar de cima, fotos do requerente.

### B - Conserva

Recebe a partir de uma válvula inferior do topo da galeria da conserva. A esta válvula, tem-se acesso a partir da alameda, e por escada, em degraus salientes da parede de pedra. Uma porta no solo, em chapa de ferro com cadeado, fecha esse acesso dada a importância extrema que o conveniente e regrado uso da água armazenada, tinha para toda a propriedade.

### Tanque dos Leões

Em frente à casa principal.

Teria essencialmente um lado lúdico contemplativo e amenizador da temperatura em frente à casa principal.

A sua nobreza é acentuada pela decoração dos topos dos muros com tijoleira em espinha.

Posteriormente. Com Leonor Emília Abreu são assentes, nas arquivoltas da parede de fundo, 2 leões e uma ninfa em terracota com a inscrição NAIADS (ninfa na mitologia grega) na parte baixa.

Possui, como o tanque do pomar jardim de cima, caixa para recolha dos peixes que o povoavam.

### Origem da água – Conserva

No fim do longo fio de água com origem na conserva, que passava pelo tanque do pomar de cima, fonte da casa e no final, por sifão, chegava ao tanque.



### Tanque do pomar do meio

Singelo, em alvenaria, tinha uma função essencialmente agrícola recebendo água de uma mina e das sobrantes provenientes da caleira com origem na conserva quando não se tornava necessário encher o tanque dos Leões.

#### A - Origem da água - Mina do tanque do pomar-jardim do meio

Foi feita uma mina\* [\*De comprimento apreciável (50 m) segundo relato do Sr. José último feitor da quinta], por altura da cobertura, para nivelamento, da linha de água, que desembocava no tanque do pomar-jardim.

#### B - Origem da água - Conserva

(...)

### Legado de Manoel Constâncio. As fontes

Como as restantes obras hidráulicas conjugam o prazer de estar, ver e ouvir com a sua função prática. São elas:

#### Fonte das Casas

O desenho do cimo assemelha-se ao da Conserva que reforça a contemporaneidade das duas obras.

Situa-se em frente às casas dos serviçais. Abastecida a partir de uma caleira em pedra granítica. Com bica e pia que, uma vez cheia, transbordava e seguia para o tanque do pomar-jardim do meio.

Envolvendo a pia, muito provavelmente no século seguinte, foi construído um acesso em escada, com função decorativa, disposta em sucessivos degraus arqueados.

#### Origem da água - Conserva.

A mesma da fonte da casa.

#### Fonte dos Passarinhos

Encerrada no fundo e lateralmente e aberta para o deambulatório por portal em arco. Era integralmente, no seu interior, decorada com motivos campestres hoje quase ocultos pelas caiações sucessivas.

Abóboda assente sobre 4 arcos com florão, em relevo, no ponto de encontro dos arcos.

Construída de forma a ecoar, o cair da água ,sobre (sic) a pia. Com bancos e decoração em azulejo com motivos florais.



Figs. 69-71 . Fonte das casas, fotos do requerente.

Departamento dos Bens Culturais  
Divisão do Património Imóvel, Móvel e Imaterial

A sua designação parece inspirada na Fonte dos Passarinhos em Sintra. Manuel Constâncio conheceria a fonte, com o mesmo nome, por força das deslocações que terá feito a propriedades, que nessa Vila e arredores, possuíam figuras do Reino seus amigos.

#### *Origem da água - Muro da Fonte dos Passarinhos*

Usa o mesmo princípio da conserva. Uma barreira em alvenaria, corta e retém as águas que escorrem da encosta conduzindo-as à bica da fonte.

O muro neste caso era oblíquo relativamente ao eixo da casa da fonte.

#### **Fonte do Canto**

Já no troço descendente do deambulatório e após as escadas deste, encontra-se uma fonte discreta. Tinha associada (sic) um tanque, no terraço contíguo, que armazenava a água do ladrão da fonte.

Difícilmente a água lá correria fora da altura das chuvas. A sua construção só pode ser entendida no esforço de busca pela água.

#### *Origem da água - Mina da fonte do canto*

Em galeria acanhada seguia na direção do cume do vale.

Há muito, quase totalmente desmoronada por isso nunca deve ter tido papel efetivo na recolha de água.»<sup>13</sup>

#### **4.1.4 «As obras hidráulicas – Século XIX, engrandecimento da Quinta**

Correspondentes ao Séc. XIX, alargamento do espaço e embelezamento romântico, vamos encontrar os seguintes lagos, tanques e fontes:



Figs. 72-73. Fonte dos passarinhos, fotos do requerente.

<sup>13</sup>. Idem, pp 44-46.

Departamento dos Bens Culturais  
Divisão do Património Imóvel, Móvel e Imaterial

### Lago Oval

Em frente à casa no alinhamento da porta principal da Casa Grande.

Todo talhado em pedra calcária.

Com repuxo ao centro.

*Origem da água - Conserva*

### Lago dos Recortes

Inserir-se num anfiteatro, cavado na rocha xistosa, que ultrapassa a dimensão do lago, criando um terraço de acesso.

É limitada, do lado esquerdo, por um muro de suporte e na retaguarda pela rocha nua já coberta pela “patine” do tempo e heras que conseguiram adaptar-se à parede rochosa.

A frente abre-se ao exterior e à vista da várzea e colinas envolventes da Quinta.

A dimensão do volume escavado permite afirmar que contribuiu, em muito, para os muros dos terraços agrícolas e jardins que se estendem para Sul. No local da pedreira foi instalado o lago. Antecede por isso a construção dos outros espaços do Sé. (sic)XIX.

Nasce o lago a partir de uma cascata adornada por cobertura\* com pedras de calcário brando que acentuam o murmúrio da água que escorre desde cima.

Por baixo da cascata a simulação de uma gruta com duas aberturas para o lago.

O lago em si é feito a partir de tijoleira, rebocada, com um traçado em que dominam as linhas curvas com recantos sucessivos.

Ao centro um repuxo, cuja água cai sobre uma taça que assenta sobre 7 braços dispostos como se fossem pétalas. Foi mais tarde adornada com pedras de calcário que cobriram e ocultaram a taça. Quando do seu restauro\* optou-se por descobrir a forma primitiva.

Um impensável pequeno portão, serviria como cais de acesso aos habitantes e visitantes que se passeavam num pequeno barco nas águas do lago\*\*.

Este lago funcionava como fonte da rega do chão agrícola abaixo (horta) e alimentava, por caleira, a fonte da Carantonha.

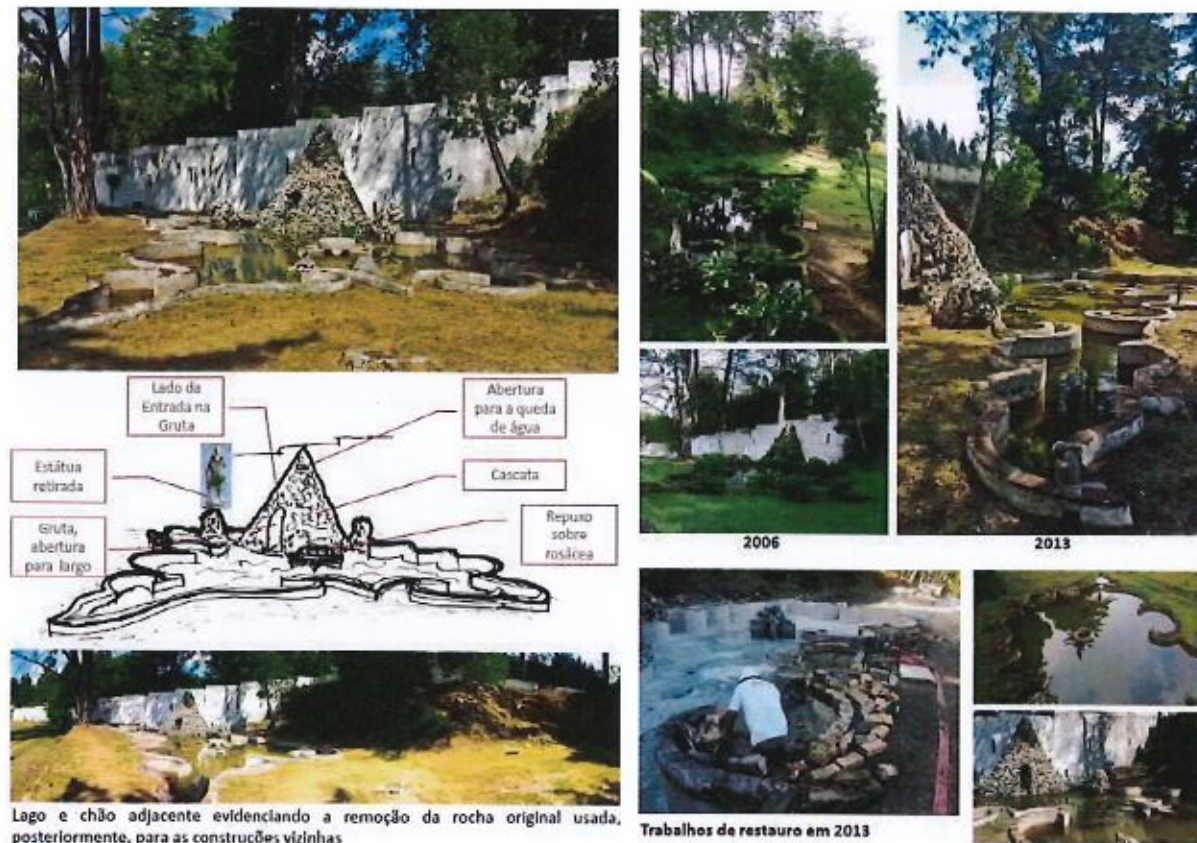
*Origem da água – tanque do Pomar-Jardim do Meio*

A partir, por caleira, do tanque do pomar-jardim do meio.



Figs. 74-75. Lago Oval, fotos do requerente.

Departamento dos Bens Culturais  
 Divisão do Património Imóvel, Móvel e Imaterial



Figs. 76-84. Lago dos Recortes, fotos do requerente.

### Tanque da Latada

Seguindo o método construtivo do Tanque do Pomar-de-Cima, da Fonte do Canto, do Lago dos Recortes, o Tanque da Latada (também conhecido como Tanque das Lavadeiras) está embebido no solo natural e dele aproveitou muita da pedra com que foi erguido.

Na boca tem cerca de 10,5 m e poderia conter 30 m<sup>3</sup> de água.

Rebocado é embelezado (sic) superiormente por seis torreões e ao centro por painel sobrelevado com 2 abas simétricas a partir de 2 arquivoltas.

Ostentava numa placa, na porta de acesso Sul, a data de 1881 que acabou por cair e que coincide com data idêntica no portão, construído por Leonor Emília Abreu, de acesso à Quinta.

Os bancos em redor conferem-lhe um lado de prazer de estar, comum a todas as obras da quinta e funcionaria como a reserva das necessidades de irrigação dos chãos contíguos (terraços contidos por muro) e também das terras da várzea.

Mais tarde foi adaptado para funcionar, também, como tanque da lavagem das roupas da casa, pelo que foi dividido por muro.

*Pm*

Departamento dos Bens Culturais  
Divisão do Património Imóvel, Móvel e Imaterial

### *Origens da água - nora*

A partir da nora por caleira em alvenaria e por aberturas na parte inferior das paredes durante os períodos de chuva.

### **Lago do Jardim das Rosas**

Ao centro um pequeno lago, em alvenaria, com repuxo, ao centro, montado sobre cone de pedras.

Configuração por 5 lóbulos, em redondo, intervalados por meias canas todos inscritos numa circunferência.

### *Origens da água - nora*

A partir da nora por tubo de ferro fundido em sifão.



Figs. 85-89. Tanque da Latada, fotos do requerente.



Figs. 90-95. Jardim das rosas, fotos do requerente.



*Pm*

Departamento dos Bens Culturais  
Divisão do Património Imóvel, Móvel e Imaterial

### Lago da (sic) Pedrinhas

A última construção de engrandecimento do espaço. Construído em 1905.

Configuração semi-retangular com os lados menores em redondo.

Antecedido por um canal, para a água correr, numa sucessão de pequenas cascatas.

Decorado com pedras pequenas de quartzo leitoso.

Segue a lógica de todos os lagos e tanques: contemplação e utilidade.

Permitia regar uma série de socalcos agrícolas (da mesma altura) que funcionariam como horta de proximidade

#### Origens da água – Tanque dos Leões

Uma válvula de fundo que se abria no tanque dos leões, fazia o seu enchimento.

#### Tanque do Cantarinho

No meio da várzea destaca-se um tanque com funções agrícolas mas também de prazer.

Uma fonte permanente alimentava-o e a água sobranete regava as culturas na proximidade.

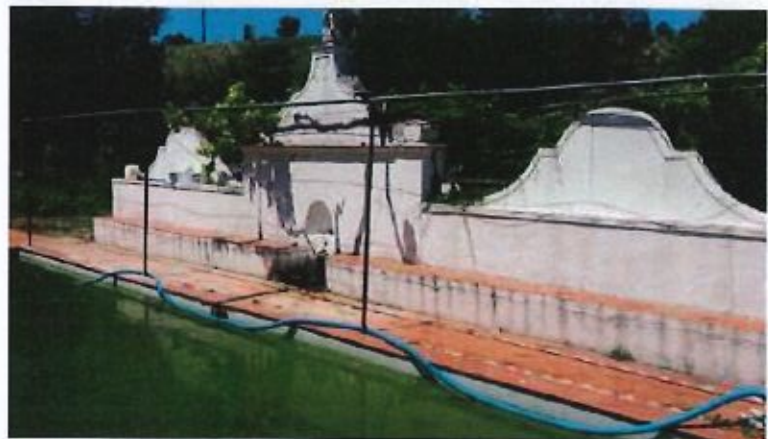
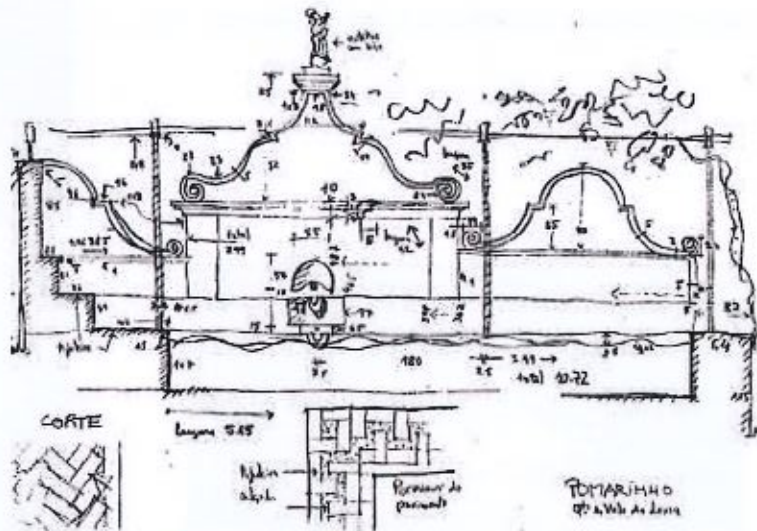
A sua designação deriva de uma figura de menino em porcelana que encimava a fonte.

Encontra-se associado a rituais de iniciação do campesinato, das aldeias próximas de Sentieiras, Casais de Revelhos e Casais do Vale, nomeadamente por ocasião das idas “às sortes” da tropa ou retorno do serviço militar,

#### Origem da água - Mina encosta do moinho.

A água é captada por uma mina que entra pela encosta Sul da várzea (ou do moinho).

Dada a natureza desta encosta (saibro não rocha compacta) essa mina permite coletar a água durante todo o ano.



Figs. 96-97. Tanque do Cantarinho, desenho e foto do requerente.

Por essa razão foi a fonte de alimentação de água à casa desde os anos 40 do Século XX, a partir de uma bomba instalada numa caixa que intercepta o percurso entre a mina e o tanque do Cantarinho.

Departamento dos Bens Culturais  
Divisão do Património Imóvel, Móvel e Imaterial

### Fontes de Séc. XIX

Estavam normalmente associadas a uma mina de água, exceto a da frente das casas do feitor e criados que recebia a água da conserva.

#### Fonte do Plátano

No exterior da casa original. Estava ligada ao poço transbordante situado a Norte da casa. Ostenta a sigla de FRA (Francisco Rodrigues Abreu).

#### Origem da água

Poço e mina a norte

#### Fonte da Carantonha

Fonte singela com a água a fluir por uma carantonha, seguida de uma pequena cascata em embrechado de conchas.

A carranca inicial seria em mármore rosa mas foi roubada durante os anos 70 do Séc. XX e substituída por imitação tosca, em recurso, de cimento.

#### Origem da água – Lago dos Recortes

As águas sobrantes do lago dos recortes (quando não usadas na agricultura) corriam por caleira até á (sic) boca da carantonha.»<sup>14</sup>

#### «Caleiras de ligação

Ligavam fontes e tanques segundo uma disposição que garantia que não havia perdas de água. Numa situação de transbordo de um tanque ou pia de fonte seguiam, por caleira aberta, até à próxima obra hidráulica.

Em caixas estrategicamente colocadas, a água podia ser desviada para as hortas e pomares.

No declive mais acentuado (entre o pomar jardim de cima e a fonte das casas, a caleira foi construída em rocha granítica para minorar o efeito de erosão da água.

Junto a alguns dos espaços agrícolas são identificadas regueiras que promoviam a rega uniforme na horta ou pomar.



Carranca Original,  
em mármore,  
roubada na década  
de 80 passado

Figs. 98-100. Fonte da Carantonha, fotos do requerente.

<sup>14</sup> Ibidem, pp 48-52.

Departamento dos Bens Culturais  
Divisão do Património Imóvel, Móvel e Imaterial

### (...) A nora

Situada no que seria alinha (sic) de água principal da várzea, desviada a montante para não inundar a parte baixa da propriedade.

Construção em Pedra acede-se por rampa a partir do deambulatório.

Alimentada a partir de uma mina submersa das poucas águas subterrâneas da várzea.

Construção elevada acima do solo cerca de 6 m de modo a criar desnível para a condução da água por gravidade, até ao tanque das lavadeiras e repuxo do lago do jardim das Rosas.

Conduto sifonada no percurso primeiro da água.

Na datação da nora, intervém uma palmeira plantada junto a esta numa posição que coloca, o seu plantio, posteriormente à sua construção. Palmeira que desapareceu em 2015 por força da praga de escaravelho (sic) vermelho. Nessa altura, tinha para cima de 15 m. Conhece-se que cresce em média 10 cm por ano, ou seja, teria 150 anos na data do seu desaparecimento. A nora, já estaria por isso construída em 1865. Terá sido nos anos 50-60 do séc. XIX que se teria iniciado a renovação da quinta provavelmente por Brás Consolado e continuada de forma vigorosa por Leonor Emília Abreu.

Ao nível do solo é reforçado por 3 elegantes contrafortes.

### (...) Deambulatório

O deambulatório corresponde ao percurso dos jardins Portugueses dos Séc.s XVII e XVIII. Caminho de prazer e utilidade para acesso a jardins e espaços agrícolas sempre na periferia deles.

Início, em calçada de seixo rolado, em frente às casas.

Depois do jardim das damas e antes do pomar-jardim de cima entronca com uma vereda ao seu lado direito.

Prossegue a direita, pela borda do pomar-jardim de cima, até à Fonte dos Passarinhos onde inflete à direita, já num plano superior, que corresponderá ao belvedere da propriedade.

Nessa altura acede à Conserva e segue na direção Sul.

Nova inflexão (com banco de descanso) e desce, para Poente, agora com degraus em socalco. Descida que culmina com escadaria até à fonte do canto. Novos bancos de descanso na Fonte. Neste ponto entronca com a vereda que vem do Jardim das Damas.



Figs. 101-105. Fonte da Carantonha, fotos do requerente.





Departamento dos Bens Culturais  
Divisão do Património Imóvel, Móvel e Imaterial

Prosegue para Sul e as casas aparecem, do lado oposto, imponentes à sua direita. É e seria obrigatório os viajantes fazerem este percurso. Desse ponto é evidente o trabalho da grandeza do local e, claro está, do proprietário.

Nova vereda à direita e chegava-se, se o percurso fosse curto, novamente ao ponto de partida.

Para os habitantes e visitantes, um melhor usufruto do local, faz-se continuando para baixo (sudoeste), numa rua que foi pavimentada no séc. XVIII, passando (à direita) do Pomar-jardim do meio, contemplando o lago dos Recortes, o que foi o Enleio, Fonte da Carantonha, Tanque das Lavadeiras, Jardim das Rosas e finalmente a Nora (a Luz, o Zénite...)

Retornava pelo lado abaixo dos espaços descritos, seguindo o muro que foi das hortas e depois de uma escadaria, em lousa, toma o caminho da entrada Sudoeste desembocando na rua das Casas.

#### (...) Veredas

Das veredas, que interligavam o deambulatório ou que nasciam a partir deste, destacam-se:

Vereda das Varandas que nasce, no deambulatório entre o jardim pomar de cima e o Jardim das damas e entronca de novo neste, como já referido, na Fonte do canto. Serve de acesso ao terraço abaixo através de escadaria com entrada por arco.

Mais abaixo desta, encontra-se nova vereda que nasce no tanque dos Leões e se encontra com o Deambulatório por alturas do curral. Permitiria o acesso ao Pomar Jardim do Meio e criaria uma versão curta do percurso do Deambulatório.

No canto do Deambulatório, correspondente à Fonte dos Passarinhos e a partir de uma escadaria, parte para Nascente outra Vereda que acaba num caminho de terra e por aí se acede à parte posterior da conserva de onde se contempla a alameda principal da Conserva e o pôr do Sol.

#### (...) Os terraços agrícolas

Existiam espaços em que a utilização agrícola era a função principal.

Construídos e contidos a partir de muros em pedra lajeada, reconhecem-se por debaixo do Pomar-Jardim de Cima e na zona baixa contíguos ao tanque das lavadeiras. São contemporâneos das primeiras construções da propriedade.

Os por debaixo do Pomar-jardim de cima estariam reservados para as hortas os junto várzea (sic), estariam para culturas cerealíferas.

Os terraços evidenciam a procura da autossuficiência dos habitantes.

#### (...) Curral

No fundo da vereda que nasce na frente do celeiro, no troço descendente do deambulatório e aproveitando o muro Sul deste, encontra-se o curral que albergaria os animais que trabalharam na construção e outros, nomeadamente ovinos, que se incluíam na autossuficiência alimentar da propriedade.

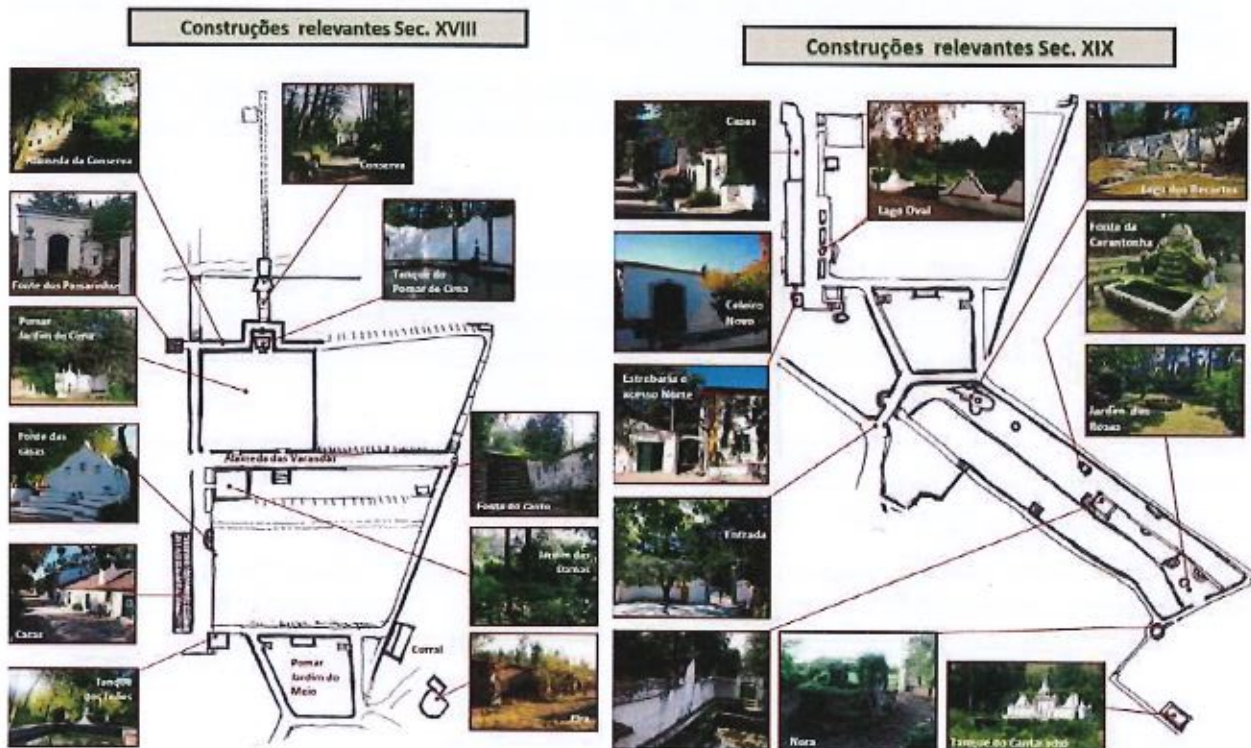
Construído em lousa no séc. XVIII

Departamento dos Bens Culturais  
 Divisão do Património Imóvel, Móvel e Imaterial

(...) Eira

A Sul do curral em local bem exposto ao Sol durante o dia encontra-se a eira. Como anexo possui um pequeno telheiro.

Construção do muro e chão em lousa.»<sup>15</sup>



Figs. 106-107. Construções relevantes do séc. XVIII/XIX, fotos do requerente.

<sup>15</sup> Ibidem, pp. 53-56.

*Pm*

Departamento dos Bens Culturais  
Divisão do Património Imóvel, Móvel e Imaterial



Fig. 108. Jardins-localização, desenho do requerente.

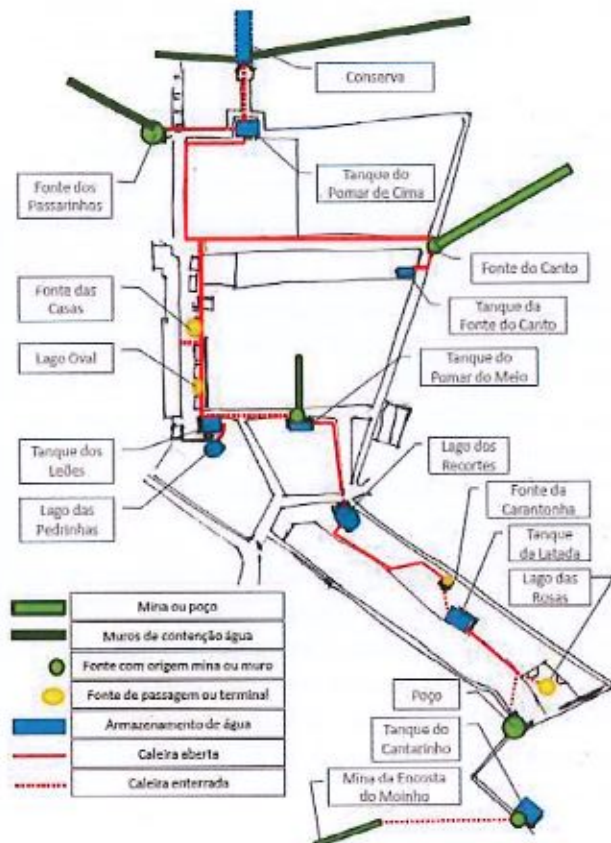


Fig. 109. Circuitos da água, desenho do requerente.

## 5. Fundador. Manoel Constâncio (1726 –1817)<sup>16</sup>

### «(...) O fundador e a época

<sup>16</sup> Nasceu, de origens humildes em Sentleiras, Abrantes. Partiu para o Sardoal como aprendiz de barbeiro e daí para Abrantes; desde muito cedo mostrou aptidão para a prática médica; o Marquês de Abrantes patrocinou a sua ida para Lisboa para fazer os estudos de cirurgia.

Ingressou no Hospital de Todos os Santos, onde alcança os graus de Sangrador, Cirurgião, Cirurgião do Real Exército, Professor de Anatomia e finalmente reconhecido pela rainha D. Maria I, como Cirurgião Real.

Aproveitou, em favor de seu conhecimento, dois momentos chave do século XVIII:

- O facto de que (sic) os jesuítas terem sido expulsos e por via disso a retoma da prática anatómica em cadáveres.
- O terramoto de 1755, o que lhe permitiu aplicar, de forma intensa, os seus conhecimentos na cura dos traumas dos atingidos pela catástrofe.

Um de seus discípulos, colgiu a suas aulas e redigiu o primeiro tratado de Anatomia Portuguesa.

Por seu rigor, método e disciplina, é figura chave na transição da prática empírica (medieval) para a prática científica (moderna), da Anatomia e Cirurgia Portuguesa.

Pertence a uma aristocracia emergente gerada pela modernização do país liderado pelo Marquês de Pombal, ainda assim recebe o título de cavaleiro fidalgo bem como o de Cavaleiro Professo da Ordem de Cristo.

Foi casado com Joanna Ritta de quem tem 4 filhos, Francisco, Joaquim, Pedro e Maria Margarida Constâncio.

Parte do que ganhou e as recompensas que recebe da rainha D. Maria I, como seu cirurgião preferido, foram investidos na sua "muy noble Quinta do Valle da Louza", onde vai regularmente, durante os anos que esteve em Lisboa e para onde se retira quando se jubila com 80 anos. Nela falece, aos 91 anos e, os restos mortais, estão na capela da casa», *Ibidem*, pp. 16-17.



Departamento dos Bens Culturais  
Divisão do Património Imóvel, Móvel e Imaterial

A trajetória pública e profissional do fundador cola-se à história de Portugal da 2ª metade do séc. 19, em particular, com a tentativa do Marquês de Pombal em desenvolver as artes e ciências do reino dando espaço para o aparecimento de um grupo social, não nobre, que se afirmasse por valores de competência.

Manoel Constâncio é exemplo disso. De ascendência humilde progrediu por mérito, até ao topo da sua carreira, jubilando-se como lente de anatomia. Porém, reconheça-se que, para essa ascensão, recebeu o apoio inicial de algumas distintas figuras do reino que reconheceram as suas qualidades de inteligência e perseverança.

Com o retrocesso decorrente do reinado da D. Maria, acabou por reclamar desta, as mesmas benesses que a classe dominante usufruía, ainda que fossem justificadas pelo seu percurso, pelo contributo para a anatomia e cirurgia portuguesar (sic) e apoio, sempre presente, que deu à Rainha.



Fig. 110. Quadro retratando o fundador da Quinta, Manoel Constâncio, in *Memória Descritiva, QUINTA do VALLE da LOUZA. 6.5.1 Classificação, Figuras Históricas da Quinta*, Manoel Constâncio, p. 16.

A quinta de lazer, que Manoel Constâncio idealizou, na terra que o viu nascer, correspondeu à sua ambição, determinação e vontade em ter um espaço com tudo o que de melhor viu nas quintas que frequentou.

Para isso foi, certamente determinante, a sua posição e o relacionamento que mantinha com as personagens da elite do Reino e Aristocracia em ascensão.

Será determinante para a escolha do sítio o conhecimento detalhado que possui do local.

Desconhece-se o modo como tomou posse do local.

#### *(...) Progressão da carreira de Manoel Constâncio e reflexos na obra da Quinta*

A sua construção iniciou-se a meio do séc. XVIII e a sua evolução e enriquecimento acompanha a carreira e posses de Manoel Constâncio.

O modo funcional, cuidado e coerente, como edificou o espaço, permite concluir que, desde o início da sua construção, tencionava sair de Lisboa e fixar-se mais tarde na Louza.

Partindo de um núcleo inicial constituído por uma casa térrea, com 6 divisões (uma das quais capela) em conjunto com a casa do caseiro e criado, contíguas, orientadas a sul, com um telhado comum de 2 águas. No sentido poente é-lhe acrescentado ou precede um celeiro e adega. O conjunto com o mesmo alinhamento e telhado comum de duas águas.

Em 1764 assume a cadeira de Anatomia, reforçando o seu prestígio e trabalho enquanto cirurgião desde 1758 o que lhe possibilita os recursos para desenvolver a sua obra na Louza.

Pela escassez de água, concluiu em 1768 o tanque e uma mina correspondente, que deveria suprir as necessidades da casa e jardins, sendo que por essa altura, terá acabado, em paralelo, o núcleo inicial, das casas, descrito.

A água é aliás, uma das suas preocupações como se infere pela mina e fonte que oferece ao povo das Sentieiras em 1765.

O casamento com Joanna Rita em 1777 terá reforçado certamente o seu querer em prosseguir com a obra da Quinta agora que tem uma família e o seu filho Francisco nasce nesse mesmo ano.

A água, com origem na Quinta, deveria prover as necessidades dos seus habitantes: as necessárias para as culturas agrícolas e as domésticas. A mina do tanque de Cima, entretanto aberta, rapidamente demonstrou que não respondia por isso. Havia que armazenar a água no inverno.

Inicia a obra da Conserva em 1779 que conclui em 1789 e que, por força da sua complexidade construtiva, muito provavelmente, teve o concurso de um ou mais arquitetos da Obra das Águas Livres, então em progresso em Lisboa.

Pela sua contemporaneidade, a progressão, [...], da rede de distribuição das Águas Livres, foi acompanhada de perto por Manoel Constâncio e claramente tê-lo-á influenciado no modo como desenvolveu a sua obra, em termos de obras hidráulicas, na Louza.

Para a obra da Quinta, teve a ajuda, em 1792, de algumas moedas de ouro por parte da Rainha D. Maria I, de quem era cirurgião real desde 1786 e que lhe terá reforçado a fama logo a possibilidade de obter mais recursos, pelos serviços que presta, para fazer face aos grandes gastos na construção da sua Quinta.

Antes em 1782 recebe a quantia de 40 000 réis como cirurgião militar.

Dessa época aparecem hoje ainda na várzea, rebentos de amoreiras que resultam do incentivo à cultura da seda proporcionado pelo Marquês de Pombal o que também, por esse lado, confirma a sua ligação às iniciativas da época, o desenvolvimento da Indústria da seda em Portugal.

Faz acrescentar um primeiro andar à casa de habitação, permitindo que a sua filha Maria Margarida e filhos tivessem um espaço autónomo e reservado, como os hábitos que passaram a ser adotados na Europa, em particular em França desde 1752, data em que Luís XV fez construir os "apartments" para as suas filhas. A decoração de um dos quartos desse 1º andar, sugere a sua utilização por Maria Margarida.

Essa construção ter-se-á feito antes de 1797, uma vez que a tradição oral da Quinta, identifica o esconso (por cima do quarto da Margarida), onde Bocage se refugiou das perseguições que lhe moviam em Lisboa ou mesmo do próprio pai Manoel Constâncio, que tão maltratado foi num dos sonetos bocagianos, talvez por aquele ter descoberto a relação mais íntima que Bocage tinha com a sua filha.

*(...) Evolução da Quinta com o falecimento do Fundador, Século XIX e XX*

Com o falecimento de Manoel Constâncio em 1817 sucede-lhe a filha Maria Margarida Constâncio, que tinha casado com Brás Consolado, na Quinta, em 1811.

Em 1864 assume, definitivamente a Quinta, Leonor Emília Abreu afillhada, mas de facto filha de Brás Consolado, cuja herança estava garantida por testamento deste, datado de 1856, em favor de Leonor do Carmo (mãe de Leonor Abreu) quando da morte desta.

O fim do regímen de morgadio, em 1863, poderá também ter contribuído para a nova fase da Quinta enquanto propriedade. Brás Consolado, como capitão de foros, teve condições para escriturar todas as áreas envolventes, que geria ou possuía de facto, nomeadamente toda a colina a Sul (tapada do Brás) e o vale contíguo para Este. Esse momento de consolidação do património e toda a acumulação de riqueza que lhe antecedeu, foi uma das razões para a preservação da obra de Manoel Constâncio e do seu engrandecimento.

Com Leonor Emília Abreu, alarga-se a área de lazer, agora já segundo uma perspetiva romântica, mas mantendo esse lado lúdico.

Sobre o celeiro, a continuadora fez subir um 1º andar que lhe dá o aspeto solarengo que tem hoje.

A última obra registada, desse período, é de 1895. No Séc. XX o lado de exploração agrícola sobrepõe-se servindo como habitação de Verão (por vezes permanente), da família herdeira de Emília Abreu que respeitou e manteve imaculado o património construído.»<sup>17</sup>

## 6. PARECER

O requerimento inicial, formulado por escrito, fornece os dados básicos solicitados no *Modelo de Requerimento Inicial* aprovado pelo Despacho n.º 7931/2010, do Secretário de Estado da Cultura, publicado no *Diário da República*, 2.ª série, n.º 87, de 5 de maio.

Foram analisados os elementos da instrução da proposta de classificação, com base nos critérios genéricos de apreciação preconizados no artigo 17.º da Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, para a classificação de bens culturais, bem como nos valores que o interesse cultural relevante de um bem deve necessariamente refletir, de acordo com o n.º 3 do artigo 2.º da mesma lei, tendo em conta o universo patrimonial nacional, nomeadamente os bens culturais com a mesma tipologia e cronologia.

### 6.1. O VALOR CULTURAL DA QUINTA DO VALE DA LOUSA

A avaliação dos valores culturais em presença na referida Quinta remete para os anexos apresentados para instruir a proposta, dos quais se extraíram trechos essenciais, incluídos na presente informação.

Face ao exposto, coloca-se a questão essencial da pertinência de propor, ou não, a abertura do procedimento de classificação da Quinta do Vale da Lousa.

<sup>17</sup> Ibidem, pp. 12-15.

Uma vez que as Quintas de Recreio são as mais representativas da “Arte Paisagista” em Portugal, a sua salvaguarda e reconhecimento é fundamental, pois são estas as que manifestam o ideário de jardim na cultura portuguesa<sup>18</sup>, pela conjugação da produção e do recreio no mesmo espaço.

«A quinta de recreio surge-nos como um todo organizado: mata, edifícios, horto de recreio, pomar / horta. É um lugar versátil, onde recreio e produção compartilham o mesmo espaço, invadindo-se mutuamente, estabelecendo relações formais e funcionais. São espaços bucólicos, onde, em áreas confinadas à produção, pontuam elementos arquitectónicos, escultóricos que definem agradáveis locais de estadia, em que, sombra, luz, água, aromas e sons se conjugam para criar uma ambiência peculiar.»<sup>19</sup>

São poucas as quintas que resistiram incólumes à pressão urbanística desordenada tanto em cenários urbanos como interiores. Num contexto local, marcado por escassos valores patrimoniais relevantes, esta quinta [do Vale da Lousa] destaca-se, pela integridade e identidade entre os poucos exemplares existentes no concelho do Sardoal.

Estamos perante um património único, com base num imóvel e num território que foi sujeito a várias alterações, ao longo dos séculos (o alargamento que se produziu no século XIX fez-se em terrenos não ocupados pelas construções primitivas), algumas das quais orientadas para o propósito específico de integrar muitos dos valores da visão do fundador Manoel Constâncio, ainda que com características oitocentistas.

Estamos, por isso, perante uma propriedade única não só pela preservação do património construído, como do paisagístico, mas também pela sua integração num espaço natural particular feito evoluir de forma a enriquecer o original.

Associadas à propriedade estão figuras nacionais como Manoel Constâncio (fundador da quinta, Sangrador, Cirurgião, Cirurgião do Real Exército, Professor de Anatomia e finalmente reconhecido pela rainha D. Maria I, como Cirurgião Real), D. Maria I, Bocage, e Alexandre Herculano, Francisco Constâncio e a própria Margarida Constâncio que dão uma força expressiva ao património imaterial. Outras figuras Regionais como Leonor Emília Abreu, Brás Consolado, Francisco Solano Abreu reforçam esse lado imaterial.

<sup>18</sup> Cf. Aurora Carapinha, *Da Essência do Jardim Português*, Vol. I, Évora, Dissertação apresentada à Universidade de Évora para a obtenção do grau de Doutor no ramo de Artes e Técnicas da Paisagem, Especialidade de Arquitetura Paisagista e Arte dos Jardins, Universidade de Évora, 1995, pág. 23.

<sup>19</sup> Idem, *Ibidem*, pp. 23-24.

Ainda que esteja em causa a classificação da casa, jardins, tanques, fontes, conserva e caminhos, correspondentes às obras do século XVIII e XIX, destaca-se a exemplar utilização da água, num sistema reconhecível de fontes, tanques, caleiras e lagos.

Os jardins são representativos da tradição Portuguesa do pomar-jardim presente até ao séc. XVIII, sendo que a renovação dos espaços ajardinados feita a partir do séc. XIX lhe dá uma nova perspetiva romântica. Num mesmo espaço dois momentos representativos dos jardins em Portugal.

Alertamos para o valor cultural deste bem imóvel, resíduo de uma tipologia de Quinta de Recreio da qual poucos exemplares restam, o qual ultrapassa em muito o valor local. Se refletirmos sobre a sua importância, quer no contexto do conjunto dos valores culturais do concelho de Sardoal, quer no âmbito das quintas apalaçadas do termo de Lisboa, verificamos que se trata de um património importante que muito interessa proteger, até porque se tornou muito raro. A ser assim, convirá refletir sobre a melhor forma de assegurarmos a sua salvaguarda.

Num caso similar de avaliação patrimonial duma quinta em Lisboa (a Quinta dos Condes de Carnide<sup>20</sup>, em vias de classificação, de acordo com o despacho de abertura de 20.12.2016 da diretora-geral da DGPC, conforme Anúncio n.º 73/2017, publicado no *DR*, 2.ª série, n.º 99, de 23 de maio, tendo já sido enviado à tutela o projeto de diploma para publicação) «vimos como a dimensão rural, incluída ou não em quintas, foi desaparecendo ao longo das últimas décadas (...), se olharmos para as quintas do limite noroeste de Lisboa, nomeadamente de Benfica, de Carnide, de Telheiras e do Paço Lumiar, verificamos como a maioria desapareceu e que as restantes mantêm, quando muito, somente a sua estrutura edificada, pois já pouco subsiste da sua estrutura rural e paisagística.»<sup>21</sup>

Assim, ou revemo-nos nesta realidade e aceitamos que estes valores culturais vão desaparecendo ao sabor das circunstâncias e que se acomodem ao contínuo processo de urbanização, ou, pelo contrário, consideramos que os devemos preservar (e eventualmente classificar), pese embora as dificuldades, mesmo sabendo que hoje se encontram diminuídos face ao ambiente que os originou porque, ainda assim, se acredita que são importantes, quer enquanto marcos de uma realidade pretérita, quer como estruturas que são representativas da tradição portuguesa do pomar-jardim/quintas em Portugal.

<sup>20</sup> Inf. n.º 1065/DBC/DPIMI/UCC/2016, de 27.04.2016, CSP. 108704, da autoria Arq. Paulo Duarte.

<sup>21</sup> Em Carnide e suas imediações vejam-se os casos da Quinta do Bom Nome (Quinta do Sarmento), Quinta da Boa Vista (Casal do Falcão), Quinta dos Azulejos, Quinta da Marquesa de Ravara, Quinta de Santo António, Quinta do Armeiro-Mor (Palácio Mesquitela) ou da Quinta do Conde de Sobral, para se entender o panorama desolador, do ponto de vista cultural, que hoje subsiste. pp. 33-34.



É no âmbito desta complexa realidade cultural que consideramos que na Quinta do Vale da Lousa<sup>22</sup>, enquanto estrutura constituída pela casa, jardins, tanques, fontes, caleiras, lagos, conserva e caminhos, correspondentes às obras do século XVIII e XIX, se destacam a exemplar utilização da água, num “sistema hidráulico” que mais justifica a abertura do procedimento de classificação, pelos valores culturais que encerra no quadro da cultura patrimonial de hoje.

Acreditamos ainda que a criação de uma servidão cultural que reconheça o seu valor intrínseco, aumenta de modo significativo a responsabilidade da sua salvaguarda e valorização, quer por parte dos proprietários, quer por parte da sociedade, facto que nos parece determinante num contexto atual incerto em termos de futuros proprietários e intenções dos mesmos.

Assim foram considerados:

- a) A cronologia da Quinta do Vale do Sousa, tendo a sua fundação inicialmente referenciada como meados do século XVIII;
- b) O génio do respetivo criador, Manoel Constâncio, fundador da quinta, Sangrador, Cirurgião, Cirurgião do Real Exército, Professor de Anatomia e finalmente reconhecido pela rainha D. Maria I, como Cirurgião Real;
- c) O seu interesse como testemunho histórico, verificando-se que constitui um importante ponto de referência da sua comunidade, sendo ilustrativo de um contexto histórico, social e cultural, com forte potencial pedagógico, enquanto fonte de conhecimento e informação acerca da exemplar utilização da água, num sistema reconhecível de “conserva” (cisterna), fontes, tanques, caleira e lagos, que permitiam a existência e manutenção dos diversos jardins, pomares e hortas;
- d) A questão técnica, com as obras hidráulicas levadas a cabo por Manoel Constâncio, para armazenamento e prazer, com a “Conserva” importante para armazenamento de água (que escasseava) e que era recolhida durante o inverno para depois ser utilizada no verão através de um tanque que recebendo, predominantemente, a água da conserva, fazia a distribuição da água a toda a propriedade;
- e) O interesse artístico e arquitetónico da casa de habitação que, não constituindo um exemplar emblemático da casa nobre setecentista, apresenta ainda assim características decorativas interessantes ao nível do piso térreo, onde se localiza a atual capela construída como se de um grande oratório se tratasse, bem como outros detalhes, como lambris em azulejo, tetos decorados com motivos religiosos;

<sup>22</sup> Colocamos a ênfase na propriedade, enquanto quinta.

f) O seu enquadramento urbanístico e paisagístico, características que muito dignificam a casa e a sua envolvente, justificando e destacando sobremaneira a relativa grandiosidade do conjunto e a sua tipologia mista de Quinta de Recreio e produção;

g) A indissociabilidade do conjunto arquitetónico e dos jardins envolventes dispostos de acordo com a orografia do terreno, que compõem a já referida tipologia da quinta de recreio, desenvolvendo-se até aos terrenos agrícolas que constituem o resto da propriedade, diferenciando-se destes através de sucessões de terraços, elementos arquitetónicos e áreas de lazer construídos em duas épocas distintas (séculos XVIII e XIX).

## 6.2. A VIABILIDADE DA QUINTA NO PRESENTE E NO FUTURO PRÓXIMO

O proprietário da “Quinta do Vale da Lousa”, constituída pelo artigo rústico 46, secção U, e artigo urbano 2414, é o Banco Comercial Português S.A. O anterior proprietário e proponente da proposta de classificação procedeu a obras de recuperação da quinta entre 2007 e 2017. A quinta de uma forma geral apresenta-se em bom estado de conservação (de acordo com os elementos constantes do requerimento).

Estando atualmente na posse de uma entidade bancária desconhecemos por completo qual o modelo de gestão/uso previsto para o local (num futuro próximo).

## 7. PROPOSTA DE DECISÃO

Face ao exposto, e tendo em consideração os critérios genéricos de apreciação que constam do artigo 17.º da Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, para a classificação de bens culturais, bem como os valores que o interesse cultural relevante que um bem deve necessariamente refletir, de acordo com o n.º 3 do artigo 2.º da mesma lei, tendo em conta o universo patrimonial nacional, nomeadamente os bens culturais com a mesma tipologia e cronologia, consideramos que a Quinta do Vale da Lousa reflete os seguintes critérios: a) O carácter matricial do bem; b) O génio do respectivo criador; e) O valor estético, técnico ou material intrínseco do bem; f) A conceção arquitetónica, urbanística e paisagística; g) A extensão do bem e o que nela se reflete do ponto de vista da memória histórica ou coletiva.

Departamento dos Bens Culturais  
Divisão do Património Imóvel, Móvel e Imaterial



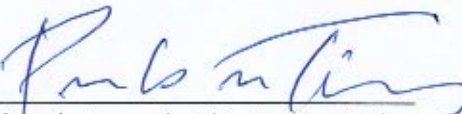
Quinta do Vale da Lousa. Proposta de área a classificar, Carlos Lopes de Sousa, *Quinta do Vale da Lousa, Memória Descritiva*, 5.0 Contexto Geográfico e Geológico, Área a Classificar, pág. 10.

Departamento dos Bens Culturais  
Divisão do Património Imóvel, Móvel e Imaterial

Assim, no âmbito da proteção do património cultural, e atendendo ao valor de civilização e cultura acima reconhecidos, propomos a **abertura do procedimento de classificação da Quinta do Vale da Lousa**, junto à EM532, na freguesia e concelho de Sardoal, distrito de Santarém, conforme planta em anexo\*\*

\*\*Planta indicativa da localização da Quinta do Vale da Lousa (planta oficial a realizar posteriormente, de acordo com as normas em uso na DGPC, caso seja determinada superiormente a abertura do procedimento de classificação).

À consideração superior,

  
(Paulo Jorge de Oliveira Martins)  
TÉCNICO SUPERIOR